



A 25/3 marco 1972
Liahona

GM
M205.57
L694P
v.25
1972

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

James A. Cullimore

Assistente do Conselho dos Doze



Tempos, atrás, um amigo meu contou-me uma experiência interessante ligada ao seu trabalho de superintendente escolar no leste dos Estados Unidos. Um dia, em uma das classes por ele visitadas, o professor mandara desenhar no quadro-negro alguma coisa que ilustrasse gratidão. Todos os alunos estavam ocupados, terminando seus esboços, com exceção de uma garotinha obviamente em dúvida sobre como acabar sua obra. Aproximando-se, meu amigo perguntou-lhe se havia algum problema. "Sim," respondeu ela. "Como se desenha Deus?" Retratarra habilmente as montanhas, as árvores e o menino ajoelhado debaixo delas em atitude de oração, mas estava confusa quanto à maneira de representar Deus. Meu amigo rapidamente assegurou-lhe que Deus era um ser real bastante semelhante aos homens da terra, pois estes foram criados à sua imagem e semelhança.

Os homens no mundo inteiro parecem confusos quanto à natureza de Deus. Conceitos estranhos, incompreensíveis tem sido ensinados, pretensamente para esclarecimento do homem; contudo, devido à sua ambiguidade, só contribuem para deixá-lo ainda mais confuso.

Creio sinceramente que nossa fé em Deus, nossas obras de retidão e nossa sinceridade de propósito são largamente determinadas por nosso conceito e entendimento de Deus. Se, como a garotinha tentando retratar Deus, eu não conseguir visualizá-lo, não entender sua verdadeira natureza, como poderei ter fé profunda nele? Como poderia eu orar de verdade a alguém que não conheço?

A "vida eterna" é realmente conhecer a Deus (João 17:3); saber que ele é um ser pessoal; que é o Pai de nossos espíritos; que somos seus filhos; que se preocupa conosco; que existe um plano significativo que nos faculta retornar à sua presença e viver eternamente com ele.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração. James A. Cullimore	2
"ENSINAI". Presidente Harold B. Lee	3
É Importante Haver Bons Professores. Marion D. Hanks	6
A Ignorância é Dispendiosa. Presidente Hartman Rector Jr.	14
Auxílio Necessário... William H. Bennett	14
O Povo do Senhor Recebe Revelações. Pres. Bruce R. McConkie	17
A Lei da Abundância. Franklin D. Richards	20
A JORNADA PARA O OESTE. Mary Pratt Parrish	23
LÉHI. Mabel Jones Gabbott	27
O Sonho de Madalena.	28
Como o Espírito Santo pode Ajudá-los. S. Dilworth Young	31
A Questão dos Problemas Sociais de Hoje. William E. Berrett	34
MODA E RELIGIÃO. Peggy Hawkins	37
Perguntas & Respostas.	41
A Armadilha das Gerações. Mary Ek Knowles	44

CAPA

Cristo, crucificado entre dois ladrões, segundo a concepção do pintor Harry Anderson, ilustra a capa deste número. A parte posterior traz os relatos das Escrituras a respeito desse evento.

A 25/3 março 1972 Liahona

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR

Osiris Grobel Cabral

REDATOR

Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO

R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE

Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL

R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE

Nívio Varella Alcover

ESTACA DE CURITIBA

R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL

R. Henrique Monteiro, 215

CP 20.809, São Paulo, SP

Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE

Alan Millet

MISSÃO BRASIL SUL

R. Princesa Isabel, 342

CP 1513, Pôrto Alegre, RS

Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE

Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB

Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE

Walmir Silva

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP

Tel. 288-4118

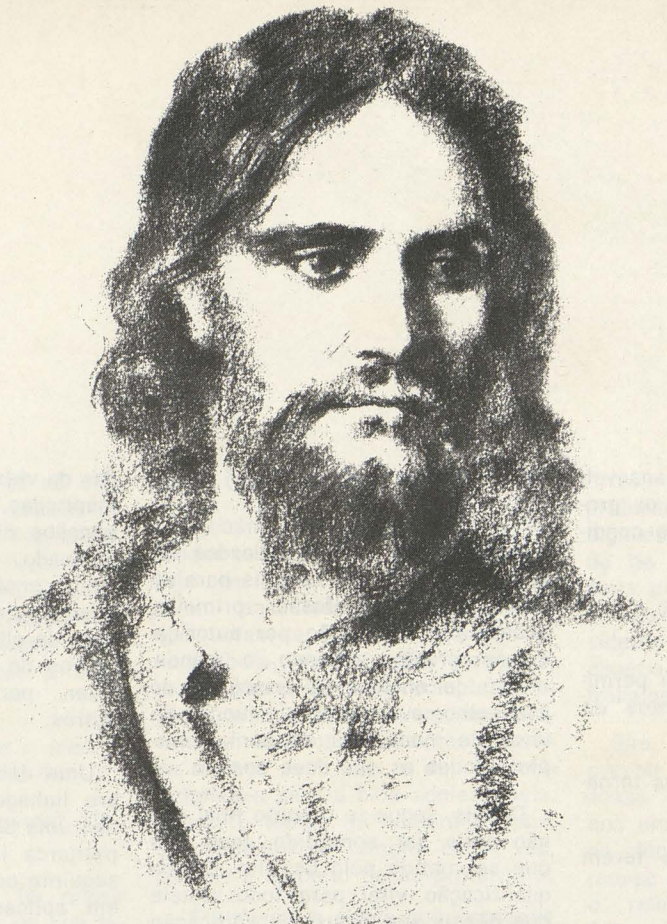
CORRESPONDENTE

Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 12,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,20; exemplar atrasado: Cr\$ 1,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.



“ENSINAI”

Presidente Harold B. Lee

Numa conferência de estaca anos atrás, o falecido Presidente J. Reuben Clark Jr. fez um significativo pronunciamento dirigido aos professores, e uma promessa aos jovens:

“A juventude da Igreja está faminta das palavras do Senhor. Professores, assegurai-vos de que estais preparados para oferecer-lhe o “pão da vida” — isto é, os ensinamentos de Jesus Cristo. Se eles, os jovens, viverem de acordo com os seus ensinamentos, terão mais felicidade do que jamais sonharam.”

Considerando que muitas pessoas chamadas a lecionar nas organizações da Igreja nunca tiveram qualquer adiestramento formal para ensinar, e nem se requer que o tenham, como, então, podem estar preparadas?

A lei do Senhor é-nos dada por revelação em Doutrina e Convênios:

“E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e, se não receberdes o Espírito, não devereis ensinar.” (D&C 42:14). E como o professor deve buscar esse Espírito?

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.

“Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre.” (Mateus 7:7-8).

Assim falou o Mestre às multidões que vieram para que ele os ensinasse.

Em anos passados, tive a oportunidade de estar sob a influência de numerosos professores, alguns dos

quais me causaram profunda impressão durante meus anos de crescimento e também mais tarde, quando eu próprio fui professor. Um deles, Howard R. Driggs, proporcionou a seus alunos algumas lições duradouras, particularmente ao extrair exemplos dignificantes das Escrituras sobre Jesus, o Mestre dos Mestres. Jesus indicou-nos o caminho nestes princípios do bom ensino:

1. O Mestre tinha um amor verdadeiro a Deus e aos filhos de Deus.

2. Acreditava ardentemente na sua missão de servir e salvar a humanidade.

3. Possuía um entendimento claro e compassivo do ser humano e de suas necessidades.

4. Era um estudioso incansável, diligente. Conhecia a "lei e os profetas". Sabia a história e as condições sociais de seu tempo.

5. Discernira a verdade e a sustentava com intransigência.

6. Sua linguagem singela permitia-lhe atrair e reter ouvintes de qualquer classe e condição.

7. Sua capacidade criativa tornava as lições imorredouras.

8. Levava as pessoas a terem fome e sede de justiça.

9. Inspirava uma bondade ativa — o desejo de aplicar o Evangelho em serviço edificante.

10. Provou sua fé, vivendo-a constante e corajosamente.

A instrução do Senhor na lei já citada de Doutrina e Convênios, apresenta três pontos essenciais para alguém tornar-se um "edificador", isto é, um líder ou um professor ou um missionário:

"Outra vez eu vos digo que a ninguém será permitido sair a pregar o meu Evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido ordenado por alguém com autoridade, e que a igreja saiba que tem autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da igreja.

"... os... mestres desta igreja deverão ensinar os princípios do meu Evangelho que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon, nos quais se acha a plenitude do Evangelho.

"E deverão observar e praticar os convênios e regras da igreja, e estes serão seus ensinamentos, conforme

forem ditados pelo Espírito." (D&C 52:11-13).

Assim, aqui estão indicados os primeiros pontos essenciais para alguém tornar-se professor: primeiro, chamado e ordenação por autoridade apropriada; segundo, o mandamento de ensinar os princípios do Evangelho; o terceiro, a injunção de viver de modo que dê bom exemplo a todos os que deve ensinar.

Depois, segue-se o ponto final que não pode ser aprendido, mas tem que ser obtido pelo Espírito. É uma qualificação vital para todo aquele que deseja ser mestre na edificação do reino de Deus: "E o Espírito servos-á dado pela oração da fé; e, se não receberdes o Espírito, não deveis ensinar." (D&C 42:14).

Tenho tido a boa fortuna de poder contar com duas grandes mestras como companheiras eternas no meu lar. Do que tenho visto demonstrarem pelo ensino e pelo exemplo, e do que tenho aprendido por experiência própria como professor e líder da Igreja, posso tirar diversas lições de grande importância.

Cada uma delas chamadas para ensinar, recebeu o dom do Espírito Santo como guia e consolador por ocasião do batismo. As duas foram chamadas por alguém que tinha autoridade.

Ambas receberam a imposição das mãos, sendo designadas para um trabalho definido com a bênção de que, enquanto ocupassem aquela posição, receberiam diretrizes, inspiração e discernimento segundo suas necessidades, se fossem fiéis e buscassem a orientação do Espírito do Senhor. As experiências abaixo, tira-

das da vida dessas duas professoras inspiradas, ilustram como se obtêm bênçãos divinas através de serviço dedicado, e como os esforços de quem ensina pelo Espírito, conseguem moldar vidas preciosas. Gostaria de citar dois exemplos de seus "livros de experiências", por assim dizer, para serem imitados por outros.

Uma delas, filha escolhida de nobre linhagem, recebeu como mocinha uma bênção sob as mãos de um patriarca inspirado, que lhe deu o seguinte conselho: "... diligencia-te em aplicar tua mente ao estudo consciencioso. Busca o Senhor em sincera prece e teu coração se encherá de alegria e satisfação com o trabalho que realizarás. Terás grande deleite em ensinar as crianças, e observar seu desenvolvimento para a juventude e maturidade. O amor que dedicarão a ti será ampla recompensa para teu trabalho."

A bênção pronunciada sobre a cabeça dessa mestra, posteriormente encontrou maravilhosa expressão ao ser cumprida. Ela era jovem e amava a vida. Muitas vezes viu-se tentada, mas sempre vislumbrava diante de si as faces dos pequeninos que nela confiavam. Ela sabia que necessitava mostrar-se digna daquela confiança.

Um jovem de farda relatou uma experiência que teve com essa professora, a quem descreveu como "a melhor mestra que já tive — ela confiava em mim". Fora uma daquelas manhãs exasperantes. A jovem professora saíra da classe desanimada, duvidando de que conseguira alguma coisa, por menor que fosse. Um garoto da turma, apressando

seus passos para manter-se ao lado dela, disse: "Gostei de verdade da lição de hoje." Depois, olhando desejoso para o exemplar lindamente encadernado do livro **A Vida de Cristo** em suas mãos, acrescentou: "Se eu tivesse um livro como esse, também saberia responder a algumas das perguntas."

"Você gostaria de levar o meu?", indagou a moça, oferecendo-lhe.

"A senhora deixa mesmo? Oh, muito obrigado!"

Seu gesto ao pegá-lo foi quase uma carícia. A expressão de sua face dizia muito mais que as palavras de agradecimento. Mais tarde, ela soube que ele provinha de uma família numerosa onde não havia livros, nem quadros nas paredes. O menino estava faminto pelas coisas contidas naquela obra. Devolveu-lhe no domingo seguinte, cuidadosamente embrulhado. Lera-o inteirinho sem manchar ou danificá-lo, por pouco que fosse. Sim, ela mostrara confiança nele.

A outra de minhas encantadoras companheiras teve sua missão perdida na juventude, quando lhe foi prometido numa sagrada bênção: "... ao seres chamada para servir na Igreja, deverás responder com toda humildade. Nesse serviço, receberás alegria, pois virás a conhecer e entender a palavra de Deus e a ter poder de ensiná-la aos outros ... serás um mensageiro de paz o levarás alegria e apreciação a muitos lares. És alguém para dar ânimo aos doentes. Deves ajudar a remover o fardo do coração dos que pecaram, e sua voz levará conforto e esperança aos fatigados e oprimidos, dirigindo-os assim para ele, o Senhor

Jesus Cristo."

Também esta grande mestra estendeu seu serviço muito além da sala de aula, ao instalar numa jovem encantadora as qualidades que viriam a florescer, tornando-a uma bela mulher. Ela transformou o que poderia ser completa tragédia na vida dessa jovem em maravilhosa realização. Guiou os passos da criança sem mãe, e depois órfã, dirigindo-a para a bela adolescência, depois o tempo de namoro e após, o casamento no templo. Certa vez, escrevi a respeito dessa professora:

"Ela possui a chave que consegue abrir o coração de muitas crianças. Tem a capacidade de transmitir esse segredo a outro professor. Sua conversa com uma criança é uma coisa linda de se ouvir. Sua habilidade e compreensão brotam de uma vida inteira de conhecimento e aplicação da psicologia infantil. Ela está constantemente estendendo a mão para a criança que não é compreendida."

Nem todo ensino é feito na sala de aula. O verdadeiro professor está sempre no seu papel. Continua sendo o professor de seus alunos onde quer que estes o vejam. Eles sempre o olham e o observam como tal.

Existe oposição em todas as coisas do mundo, "até mesmo o fruto proibido em oposição à árvore da vida, sendo um doce e o outro amargo. O Senhor Deus deixou que o homem agisse por si mesmo; e o homem não poderia agir por si mesmo, a menos que fosse atraído por uma ou outra coisa." (II Néfi 2:15-16).

"Amas-me?... Apascenta os meus cordeiros" foram as palavras ditas a Pedro pelo Senhor ressurrecto. (Vi-de João 21:15).

Que grande privilégio é dado aos professores que são chamados e designados por quem possui autoridade do Senhor para apascentar os seus cordeiros. A vida deles será abençoada, pois, como disse o Presidente Clark: "O amor que lhes dedicará será ampla recompensa pelo trabalho."

Sim, essas professoras podem prestar testemunho da veracidade dessa afirmação. Contatos iniciados em uma pequena sala de aula, no decorrer dos anos, transformaram-se em amizades que transcendem o relacionamento aluno-professor. Tais amizades são nutridas pelo amor e entendimento mútuo, tanto de um pelo outro como pelo glorioso Evangelho de Jesus Cristo que primeiramente os aproximou. Estas são as "amplas recompensas" colhidas por aqueles que aceitam o desafio: "Ensina!"

Em uma recente palestra, um conhecido conferencista concluiu com três significativas declarações para dar ênfase ao trabalho do professor:

"O professor é o escultor cuja tarefa é moldar argila viva."

"As pessoas jovens são particularmente maleáveis, e podem aprender os princípios corretos pelo ensino adequado."

"Quem quer mudar a face do mundo tem que mudar o coração dos homens." (Dr. Carl S. Winters, **Salt Lake Tribune**, 24 de março de 1971).

Oro para que todos os professores sintam não só a importância de seus chamados, mas também as grandes oportunidades de aperfeiçoar a mente e o coração dos homens.

É Importante Haver Bons Professores

Talvez haja professores que acreditam não haver lugar para menção de acontecimentos atuais ao apresentarmos conhecidos princípios do Evangelho. Contudo, creio que existe uma relação entre ambos. Como professores, temos a persistente obrigação de continuar progredindo, estar alerta e permanecer sensíveis ao que ocorre no mundo em que vivemos.

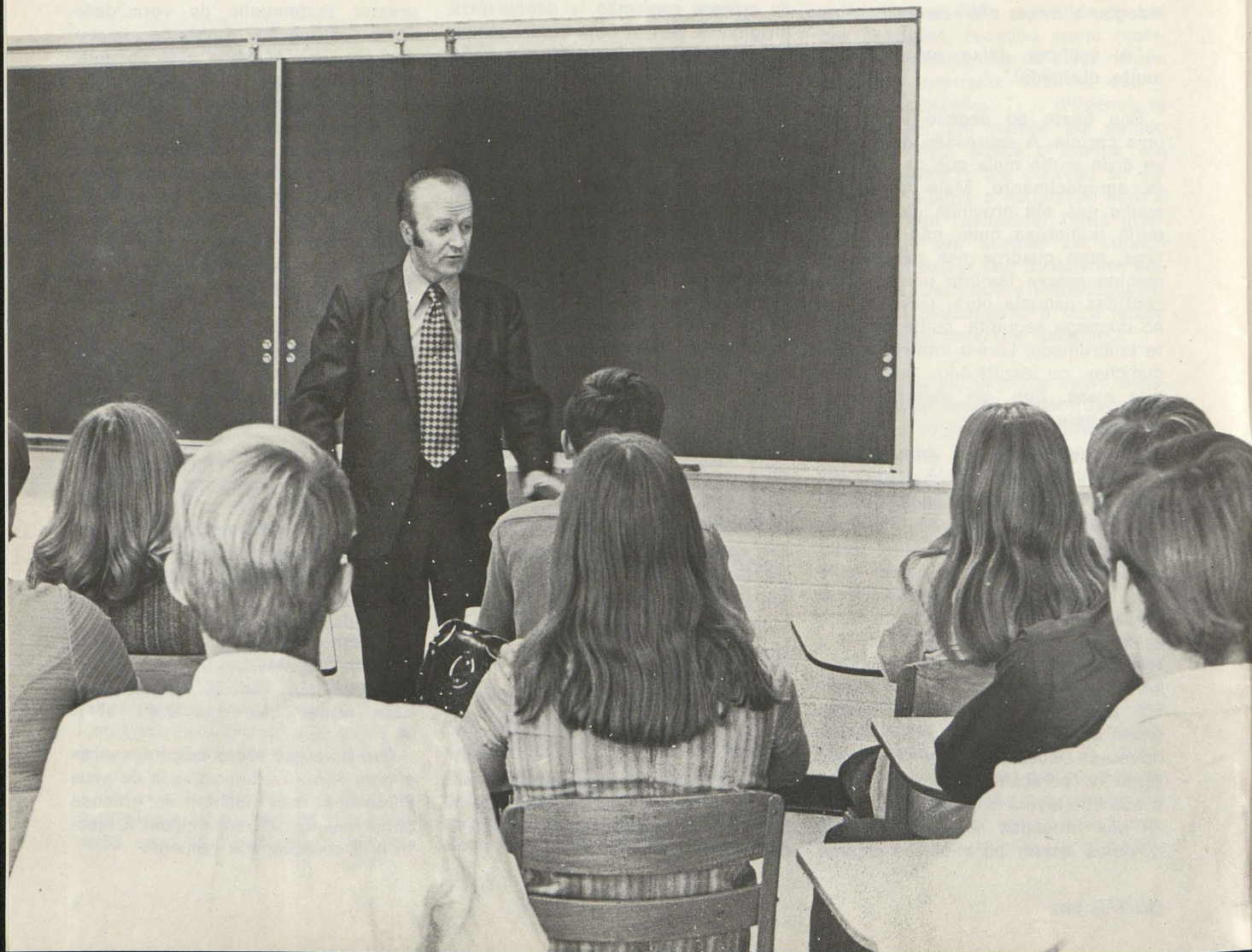
Progredir continuamente em conhecimento é vital

Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze

para o professor do Evangelho. Nos bons jornais e livros aparecem constantemente ilustrações e exemplos que precisamos saber. Se um livro é bom, seus princípios abrir-nos-ão novas perspectivas da vida, servindo para reforçar, fortalecer e dar ênfase às coisas fundamentais que estamos ensinando.

É importante haver bons professores, como sempre o foi. Cêrca de cem anos atrás, Emerson¹ emitiu o famoso pronunciamento: "Antigamente, tínhamos cálices



de pau e sacerdotes de ouro. Agora os cálices são de ouro e os sacerdotes de pau." Seja qual for o sentido pretendido por Emerson, esta alegoria tem muitas aplicações, e uma destas, sem dúvida, é o ensino. Podemos ser professores "de ouro" se assim quisermos, caso tenhamos vontade bastante para aprender, e disposição suficiente para pagar-lhe o preço.

Existe uma grande diferença entre os professores. Séculos atrás, alguém falou: "Quando Cícero² fala, o povo diz: 'Quanta eloquência!' Quando Demóstenes³ fala, as pessoas dizem: 'Venham, marchemos.'" É importante haver bons professores.

Temos a obrigação de alcançar e querer bem aqueles que ensinamos, e procurar sua amizade. Ruskin⁴ disse: "Educar não significa ensinar às pessoas o que não sabem; significa ensiná-las a comportar-se como não se comportam. Não é ensinar aos jovens a forma das letras e os truques dos números e depois deixá-los aplicar sua aritmética em maroteiras, e a transformar literatura em luxúria. Pelo contrário, significa adestrá-los no perfeito exercício e em improveitosa continência do corpo e da alma. É uma tarefa penosa, incessante e difícil a ser realizada pela bondade, pelo cuidado, por advertência, preceito, elogio, e acima de tudo, pelo exemplo."

O Presidente David O. McKay escreveu:

"O que, pois, é a verdadeira educação? É despertar o amor à verdade, transmitir um justo senso de dever, abrir os olhos d'alma para o grande propósito e fim da vida. Não é ensinar o indivíduo a amar o bem por motivos pessoais, mas, sim, por amor ao próprio bem; a ser virtuoso em suas ações por ser intimamente virtuoso; a amar e servir a Deus supremamente, não por temor, mas por deleite em seu caráter perfeito." (*Instructor*, agosto 1961, p. 253).

Diante de um mundo imenso em contínua evolução, é nosso dever ensinar a verdade, transmitir as coisas belas, amáveis e inspiradoras da nossa cultura, além de uma conduta adequada. A fim de poder cumpri-lo, temos que continuar aprendendo. **Continuar Aprendendo.** Onde descobrir o que lhes interessa e como acumular conhecimento relevante é ilustrado pela história de uma obscura solteirona que afirmava nunca ter tido uma oportunidade. Ela sussurrou essas palavras ao Dr. Louis Agassiz⁵, eminente naturalista, depois de uma de suas palestras em Londres. Em resposta a esta sua queixa, ele replicou:

— A senhora diz, madame, nunca ter tido uma oportunidade? O que a senhora faz?

— Sou solteira e ajudo minha irmã a dirigir uma pensão.

— O que a senhora faz? — ele insistiu.

— Descasco batatas e pico cebolas.

Então o cientista perguntou-lhe:

— Madame, onde a senhora costuma sentar-se durante essas tarefas domésticas, porém interessantes?

— No degrau inferior da escada da cozinha.

— Onde apóia os pés?

— Sobre tijolos vidrados.

— O que são tijolos vidrados?

— Não sei, senhor.

— Há quanto tempo costuma sentar-se ali? — perguntou-lhe então.

— Há quinze anos.

— Madame, — disse o Dr. Agassiz, — aqui tem o meu cartão. Poderia ter a gentileza de escrever-me uma carta a respeito da natureza de um tijolo vidrado?

Ela o levou a sério. Foi para casa, consultou o dicionário e descobriu que tijolo é um bloco de argila cozida. Mas essa definição pareceu-lhe simples demais para mandar ao Dr. Agassiz, e por isso, depois de ter lavado a louça, foi à biblioteca e leu numa enciclopédia que o tijolo vidrado é silicato de alumínio hidratado e caulim vitrificado. Não fazia idéia do que isto queria dizer, mas estava curiosa e acabou descobrindo. Leu tudo o que conseguiu encontrar sobre a palavra **vitricado**. Depois, visitou museus. Saiu do marasmo de sua vida para um mundo novo, nas asas do termo **vitricado**. E já que começara, pegou também a palavra **hidratado**, interessou-se por geologia, chegando a voltar, em seus estudos, ao tempo em que Deus criou o mundo e lançou as camadas de argila. Certa tarde, foi a uma olaria, onde encontrou a história de mais de cento e vinte tipos diferentes de tijolos e telhas, e porque tinha de haver tantos. Então, sentou-se e escreveu trinta e seis páginas sobre telhas e tijolos vidrados.

Logo recebeu uma carta do Dr. Agassiz: "Prezada Senhora, este é o melhor artigo que conheço sobre a matéria. Se quiser ter a fineza de mudar as três palavras assinaladas com asteriscos, farei publicá-lo e pagarei por ele."

Não demorou, chegou outra carta com duzentos e cinquenta dólares e outra pergunta nos pés da folha: "O que havia debaixo daqueles tijolos" Como já havia aprendido o valor do tempo, ela respondeu com uma só palavra: "Formigas". A resposta foi: "Fale-me delas."

Então, ela começou a estudar as formigas. Descobriu que existem entre mil e oitocentas a duas mil e

quinzentas espécies diversas. Há formigas tão minúsculas, que poderíamos enfileirar três delas sobre a cabeça de um alfinete e restar lugar para mais algumas; formigas de dois e meio centímetros de comprimento que marcham em colunas compactas de até oitocentos metros de largura, impelindo a fugir tudo o que encontram pelo caminho; formigas cegas; formigas que ganham asas na tarde do dia em que vão morrer; formigas que constroem formigueiros tão pequenos, que podem ser cobertos com um dedal de mulher; formigas que criam "vacas" leiteiras para entregar o leite recém-ordenhado nos apartamentos dos aristocratas entre elas que vivem nas vizinhanças.

Após muita leitura, prolongadas pesquisas no microscópio e intenso estudo, ela pôs mãos à obra e escreveu um trabalho de trezentas e sessenta páginas para o Dr. Agassiz. Este publicou o livro e remeteu-lhe o dinheiro; e ela foi viajar, visitando todas as terras de seus sonhos com os proventos de sua obra.

Bem, ouvindo essa história, vocês não sentem agudamente que todos nós estamos com os pés apoiados em blocos de silicato de alumínio hidratado e caulim vitrificado — com formigas debaixo deles? Responde Lorde Chesterton⁵. "Não existem coisas desinteressantes; existem apenas pessoas desinteressadas."

Continuem aprendendo.

Por Que Continuar Aprendendo? Eis a resposta: Porque nossa filosofia educacional o requer, e a nossa filosofia da vida e eternidade o exige.

Esbocei pelas Escrituras qual é a nossa filosofia educacional, no meu entender. Começa com as palavras "ordenado por Deus" e termina com as palavras "a verdade demonstra a si mesma pelo pensar correto e agir bem."

Por que aprender? Porque o mundo continua progredindo e precisamos acompanhá-lo. Quero dizer, o mundo dos conhecimentos úteis e produtivos. De 1600 a 1900, a aplicação dos progressos científicos e tecnológicos produziram mais mudanças nas condições de vida e trabalho do homem, do que nos seis mil anos anteriores. E ainda ocorrerão maiores mudanças nos próximos trinta ou trinta e cinco anos do que todas as produzidas até agora. Hoje em dia, podemos aprender

aproximadamente cem vezes mais do que seria possível em 1900. Por volta do ano 2000, haverá acima de mil vezes mais conhecimento de todos os tipos para registrar, analisar, armazenar, procurar, ensinar e, esperamos, empregar com eficiência e discernimento. Atualmente, estão sendo publicados cerca de setenta e cinco mil periódicos científicos e técnicos, somente, em mais ou menos sessenta e cinco idiomas, contendo por ano uns dois milhões de artigos, incluídos em cerca de três mil índices científicos e técnicos. Isto só para dar-lhe uma leve idéia.

Disse o Presidente Joseph F. Smith: "Entre os santos dos últimos dias, pode-se esperar a pregação de falsas doutrinas disfarçadas como verdades do Evangelho, praticamente só de duas classes de pessoas:

"Primeiro — os irremediavelmente ignorantes, cuja falta de inteligência resulta de sua indolência e preguiça, que fazem apenas um débil esforço, se é que o fazem, para melhorar por meio de leituras e estudo; aqueles acometidos da terrível doença que pode transformar-se num mal incurável — a ociosidade.

"Segundo — os orgulhosos e arrogantes, que lêem à luz de seu próprio convencimento; que interpretam segundo regras de sua própria imaginação; que se tornaram a lei para si mesmos, e assim pretendem ser os únicos juizes de seus próprios atos. (Estes são) mais perigosamente ignorantes que os primeiros.

"Cuidem-se dos ociosos e dos orgulhosos; o mal de ambos é contagioso; seria melhor para eles e todos os demais que fossem compelidos a hastear a bandeira amarela de advertência, para que os limpos e não infectados possam ser protegidos." (**Gospel Doctrine**/Deseret Book Co., 1968/p. 373).

Jefferson⁷ disse: "Aquele que acha que um povo pode ser ignorante e livre, acredita no que não existe e nunca existirá." Por que aprender? Obviamente, existem algumas razões muito boas.

Como Aprender? Por resposta, ofereço-lhes cinco palavras derivadas de uma vida inteira de ensino. Para grande alegria minha, encontrei no prefácio de um velho livro inglês de orações aquilo que eu já sabia por experiência. As cinco palavras eram chamadas passos para se aprender: (1) **Leia** (2) **Escute** (3) **Marque**. (Para

mim, **marcar** significa também copiar, recortar, juntar. Faça-o agora; amanhã você terá esquecido onde leu e estará perdido. As crianças terão rasgado o jornal ou borrado com tinta de cartaz. O livro que você acha que não esquecerá de marcar pode desaparecer, ou você se esquecerá. **Marcar** significa colocar a coisa em forma acessível, enquanto você está pensando nela, ao preço de outras coisas bem menos importantes.) (4) **Organize.** (Reflita e coordene as coisas. Torne-as coesas, coerentes. Mais tarde, você irá mudá-las, mas organize-as agora.) (5) **Assimile** (A meu ver, isto significa dar potência ao fluxo sanguíneo, expelir as escórias e mostrar-se ativo.)

O Que Aprender? Tenho alistado quatro campos de conhecimento nos quais devemos continuar progredindo. Primeiro, o conhecimento temporal — o que entendemos por conhecimento temporal. Refiro-me ao que as próprias Escrituras falam nas seções 88, 90 e 93 de Doutrina e Convênios sobre a história, outras nações, línguas e assim por diante. Por que não escolher isto em substituição a certas coisas inúteis e incongruentes que fazemos?

Segundo, relações humanas. Deveríamos levar em consideração não somente com o nosso próprio bem-estar, mas também com o dos outros, e com a sociedade como um todo. Em sua biografia, Albert Schweitzer⁸ dá um exemplo interessante:

"Para os primitivos, a solidariedade para com outros seres humanos é muito limitada, confinando-se primeiro aos parentes consanguíneos e depois aos membros de sua tribo, que para eles representa uma extensão da família. Falo por experiência própria. Tenho desses primitivos no meu hospital. Se eu pedir a um paciente de ambulatório que faça algum pequeno serviço para outro doente acamado, ele só o fará se o segundo pertencer à sua tribo. Caso contrário, responderá com olhar inocente: 'Este homem não é meu irmão.' Não existe recompensa ou ameaça que o leve a executar algum serviço para aquele estranho. Mas, assim que o homem começa a refletir sobre si mesmo e suas relações com outros, percebe que essas criaturas são seus iguais e semelhantes. No curso dessa evolução gradual, ele vê o círculo de sua responsabili-

dade ampliar-se até incluir todos os seres humanos com quem entra em contato."

Não sabemos tudo sobre relações humanas apenas por termos nascido e vivido, exatamente como só nascer e viver não nos ensina tudo sobre o nosso país, ou acerca do Evangelho. O simples fato de sermos professores não nos torna peritos em relacionamento.

Um excelente homem que conheço, levou seus dois garotos a um passeio. Divertiram-se a valer, comeram uma porção de coisas e mostraram-se entusiasmados com tudo. No caminho de volta, o menor pegou no sono. O pai deitou-o no assento traseiro do carro, cobrindo-o com seu paletó. Enquanto rodavam pela estrada, o pai, um ótimo professor que tentava tornar o passeio uma experiência memorável, perguntou ao filho mais velho: "Do que você gostou mais? Foi...." e enumerou uma série de coisas. O garotinho respondia obediamente: "Sim, papai", a cada uma delas. Finalmente, quando teve oportunidade de dizer o que na verdade pensava, perguntou: "Papai, se eu adormecer, o senhor me cobre com seu casaco?" Quanto falatório, querendo ensinar uma lição. Tomem um pouco de tempo para conhecer as pessoas. Escutem — falem, às vezes, — mas sobretudo, escutem.

O terceiro tipo de conhecimento é saber a lei do Evangelho e sua história — as verdades salvadoras, centrais da vida. Quando tivermos aprendido a mensagem dos "profetas da poesia e da música", quando tivermos aprendido o que foi realizado pelos grandes cientistas, resta outro campo de conhecimento de absoluta supremacia, pois rege todos os demais — o conhecimento de Deus e de sua maior criação, o homem. É disso que trata o Evangelho. Nós temos que ensiná-lo, e para isso é preciso primeiro aprendê-lo.

O Élder John A. Widtsoe⁹ escreveu: "Estudei o Evangelho tão cuidadosamente como qualquer ciência. Adquiri a literatura da Igreja, lendo-a diariamente nos momentos vagos. Aumentei meus conhecimentos do Evangelho e os coloquei em prática na vida cotidiana, nunca descobrindo uma falha." Depois ele conta quão minuciosa foi sua investigação. Não que menosprezasse a ciência — mas julgava o Evangelho mais importante.

O quarto campo em que devemos continuar apren-

É Importante Haver Bons Professores

dendo e progredindo, é a capacidade de ajudar os jovens a aplicarem os grandes princípios da verdade de maneira vigorosa, inspiradora e motivante.

Na Missão Britânica, mais cedo ou tarde, dei a todos os distritos de missionários uma designação fora do comum. Eles vinham à casa a missão para ser motivados, inspirados, instruídos, aconselhados ou entrevistados. Realizávamos uma reunião, e durante ela, quando eu achava que atingíamos um ponto de "rendimentos decrescentes", às vezes dizia: "Muito bem, irmãos, passam dez minutos das dez. Quero que saiam para as ruas aos pares, mas com um companheiro diferente do que aquele com que vieram e costumam trabalhar. Podem ir ao museu lá da esquina ou ficar andando pela rua ou simplesmente parados defronte à casa; porém, daqui a trinta minutos, devem estar de volta com uma lição da vida que podem ilustrar pelas Escrituras." Esta foi uma das maiores experiências da minha vida. Seria impossível contar-lhes o quanto aprendi daqueles maravilhosos jovens perspicazes e maravilhosos.

Do meu escritório na casa da missão, eu vinha observando as obras de um edifício do outro lado da rua, tendo que ouvir o incessante martelar do bate-estacas. Constava tratar-se de um novo prédio da universidade, e eu costumava olhar pela janela, cheio de espanto. A barulheira continuava por anos a fora, e eu comentei com várias pessoas: "Não admira que os prédios britânicos durem centenas de anos. Levam o mesmo tempo para construí-los." E a coisa foi continuando. Então, certo dia, notei que a velha e famosa construção de tijolos vermelhos lá embaixo na esquina, na qual um dos maiores cientistas do mundo fez algumas das mais importantes descobertas de todos os tempos, ia ser demolida pedra por pedra.

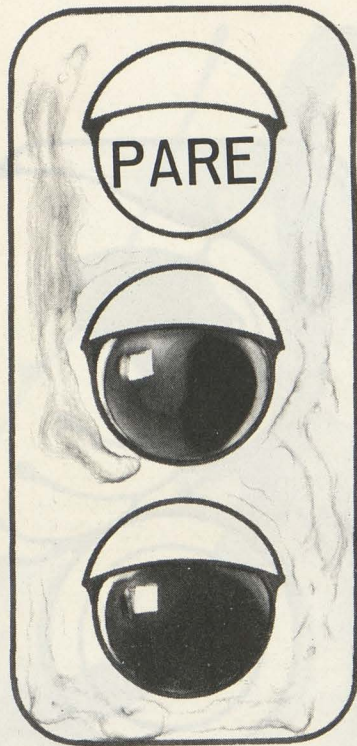
Um dia, um dos jovens missionários que ouvira aquele meu comentário e queixa, voltou de uma experiência de aplicação com olhos arregalados e disse: "Presidente Hanks, o senhor ultimamente tem olhado para o outro lado da rua de um dos andares superiores da **Hyde Park Chapel**? "Respondi que não. Então disse-me: "Pois deveria." Em seguida, usou a lição do sepulcro caído — vocês sabem, aquele imaculadamente

branco do lado de fora e imundo por dentro, explicando: "Suponho que o Senhor nos queria dizer que fazemos mal em julgar pela fachada, e quando o senhor der uma olhadela, entenderá o que quero dizer. Atrás daquele pequeno prédio cuja construção o senhor achou estar demorando tanto, existe um conjunto inteiro de edifícios. É que estavam escondidos pela fachada da construção demolida."

Deixem que lhes conte uma das melhores coisas que aprendi recentemente. "Anos atrás," escreve um homem chamado Frehoff, "eu preferia as pessoas de inteligência brilhante. Sentia prazer em observar um intelecto gerar pensamentos imediatamente traduzidos em palavras, ou idéias expressas de maneira original. Noto que agora meu gosto mudou. Os fogos de artifício verbais muitas vezes me entendiam. Parecem motivados pelo desejo de auto-afirmação e vaidade. Atualmente, prefiro outro tipo de pessoa, aquela que sente consideração e compreensão pelos outros, preocupada em não diminuir o amor-próprio alheio. Hoje minha pessoa preferida é a sempre atenta às necessidades do próximo, ao seu medo, dor e tristeza, e à sua busca de respeito próprio. Antigamente, gostava de gente inteligente; hoje gosto de gente boa."

Ensinem o Evangelho, sejam pacientes, continuem aprendendo. Esse trabalho de ensiná-lo, seja em casa ou numa sala de aula, é o negócio mais importante da terra. É o trabalho de Deus, e ele nos ajudará, se nos esforçarmos.

1. Ralph Waldo Emerson, (1803-1822) — Ensaísta e poeta norte-americano.
2. Marcus Tullius Cícero, (106-43 A.C.) — Estadista e orador romano.
3. Demóstenes (348?-322 A.C.) — Orador e líder político grego.
4. John Ruskin (1819-1900) — Escritor, crítico de arte, sociólogo e filantropo inglês.
5. (Jean) Louis (Rodolphe) Agassiz, (1807-1873) — Naturalista, autor e educador norte-americano de origem suíça.
6. Gilbert Keith Chesterton, (1874-1936) — Jornalista, novelista, poeta e crítico inglês.
7. Thomas Jefferson (1743-1826) — Terceiro presidente dos EE.UU. (1801-1809).
8. Albert Schweitzer (1875-1965) — Filósofo, musicista, médico, nascido na Alsácia, detentor do Prêmio Nobel da Paz em 1952.
9. John A. Widtsoe (1872-1952) — Apóstolo nascido na Noruega, ordenado em 1921.



A IGNORÂNCIA É DISPENDIOSA

Presidente Hartman Rector Jr.

Do Primeiro Conselho dos Setentas

Alguns anos atrás, enquanto eu estava fora de casa servindo na Marinha, faleceu um fazendeiro muito conhecido e abastado da nossa vizinhança. Conversando com um primo meu sobre as propriedades do falecido, depois de voltar para casa, fiz aquela pergunta costumeira: "Quanto ele deixou?" Meu primo respondeu: "Ele deixou tudo; não levou nem um pouco consigo."

Aquilo atingiu-me como uma das grandes verdades que bem poucos homens parecem chegar a compreender. Certamente, muitos agem como se fossem levar tudo, quando se forem, o que evidentemente não é verdade. Em termos de coisas materiais, **nenhum de nós** levará coisa alguma. Como disse Paulo a Timóteo: "Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele." (I Tim. 6:7).

Bem, poderíamos perguntar então, não existirá nada de bom que pode-

mos levar conosco? O Profeta Joseph Smith ensinou que o conhecimento e inteligência adquiridos nesta vida nos acompanharão, quando dela partirmos.

"E se uma pessoa, por sua diligência e obediência, adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro.

"Há uma lei, irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

"E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia." (D&C 130:19-21).

Sendo isto verdadeiro, então parece-me que todos nós deveríamos dar primazia à busca de luz e verdade ou inteligência na escolha de nossas metas, pois que serão eternamente nossas. Temos que procurar instruir-nos. Visto que "a glória de Deus é inteligência" (D&C 93:36),

se quisermos vir a ser como nosso Pai Celestial, nosso rumo está determinado.

A ignorância é dispendiosa, na verdade a mais dispendiosa comodidade de que temos notícia. Sem dúvida, cometemos muitos erros por ignorância. Se for a violação de um mandamento de Deus que nunca ouvimos e por isso desconhecemos, então o Senhor não nos responsabilizará pelo pecado. "Aquele pois que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado." (Tiago 4:17). E nas palavras de Paulo: "... onde não há lei não há transgressão." (Romanos 4:15). Porém, mesmo que não sejamos culpados de pecado devido à nossa ignorância, também não podemos receber a bênção sem obedecer àquela lei em que está baseada. Por conseguinte, a nossa ignorância impede o recebimento da bênção. Se violarmos uma lei de trânsito por ignorância, a penalidade imposta será exatamente a mesma como se a conhecêssemos. Se enfiarmos um dedo na tomada elétrica, também receberemos o mesmo choque, conheçamos ou não os efeitos da eletricidade. Eu repito, a ignorância custa caro, particularmente em vista do que foi decretado pelo Senhor: "É impossível ao homem ser salvo em ignorância" (D&C 131:6). Na realidade, nenhum homem é verdadeiramente instruído sem conhecer ao Senhor.

Por que será que somos tão lerdos no aprender, em receber a luz? Seria porque o Senhor tarda em responder, ou não deseja ser importu-

nado? Não segundo suas palavras a Tiago, quando diz que: "a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto..." (Tiago 1:5).

Então o problema real reside em não recebermos a luz! "... e nisto consiste a condenação do homem," diz o Senhor; "porque aquilo que foi desde o princípio lhes é claramente manifesto, e eles não recebem a luz.

"E todo homem cujo espírito não recebe a luz está sob condenação." (D&C 93:31-32).

Tudo o que podemos levar para a outra vida é o amor e conhecimento

Mas, por que não recebemos a luz? O Senhor conta-nos o motivo vezes sem conta nas Escrituras. Simplificando — a razão de não aprendermos é porque não estamos em condição de aprender. Não estamos em condição de receber a luz, porque não estamos dispostos a recebê-la. **Nós simplesmente não a queremos.** Bem, por certo a maioria de nós discordaria violentamente diante dessa afirmação. Naturalmente que queremos a luz e sabedoria

de Deus, nosso Pai Celestial, diríamos. Ainda assim, as palavras do Senhor constituem a verdade. Falando daqueles que seriam ressuscitados, mas não receberiam nenhum grau de glória, disse ele:

"E os que restarem serão também vivificados; contudo, eles regressarão ao seu próprio lugar, para gozar daquilo que estiverem prontos a receber, porque não se mostraram inclinados a gozar daquilo que poderiam ter recebido.

"Pois se um dom é conferido a um homem, de que proveito é se ele não o aceita? Eis que ele não se regozija pelo que lhe foi dado, nem exulta naquele que lhe deu a dádiva." (D&C 88:32-33).

Assim, as palavras de Cassius¹ a Brutus², na peça **Julio Cesar** de Shakespeare, aplicam-se igualmente a nós: "A falha, caro Brutus, não está em nossas estrelas, mas em nós próprios, tão parvos." Devemos procurar em nós mesmos a razão da nossa ignorância.

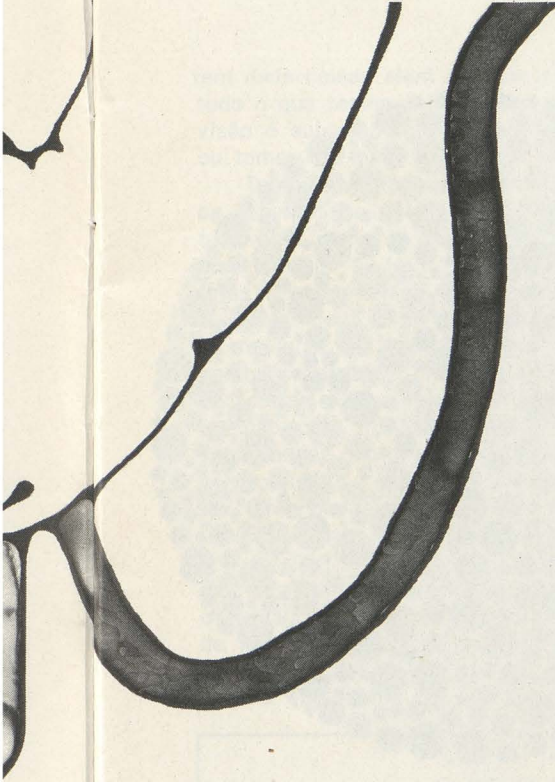
Estamos sempre propensos a dizer que esperamos pelo Senhor para receber luz e verdade, quando realmente, é o Senhor que está esperando por nós — esperando que nos ponhamos em condição, para que ele possa revelar a luz que buscamos e de que necessitamos tão desesperadamente.

O Senhor descreveu muito bem a nossa situação angustiosa. "E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens (amam) mais as trevas do que a luz, porque as

suas obras (são) más." (João 3:19). Repito: "porque as suas obras (são) más."

A revelação, a luz e o conhecimento vêm através do poder do Espírito Santo. As palavras do Mestre segundo constam em João, são significativas: "Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (João 14:26). E novamente: "... ele (o Espírito Santo) vos guiará em toda a verdade... e vos anunciará o que há de vir." (João 16:13). De fato, não podemos ensinar, nem aprender as verdades do Evangelho, sem o concurso do Espírito Santo. Nos dias de hoje, o Senhor corroborou essa grande verdade nos seguintes termos:





"Portanto, como é que não podeis compreender e saber que aquele que recebe a palavra pelo Espírito da verdade recebe-a como é pregada pelo Espírito da verdade?"

"Portanto, aquele que prega e aquele que recebe, se compreendem um ao outro, e ambos são edificadas e juntos se alegram.

"E o que não edifica não é de Deus, e é treva.

"O que é de Deus é luz; e aquele que recebe a luz e persevera em Deus, recebe mais luz, e essa luz se torna mais e mais brilhante até o dia perfeito.

"Portanto, é ele possuidor de todas as coisas; pois todas as coisas lhe são sujeitas, tanto na terra como nos céus, a vida e a luz, o Espírito e o poder, enviado pela vontade do Pai, por meio de Jesus Cristo, seu

Filho.

"Mas nenhum homem é possuidor de todas as coisas, a não ser que ele seja purificado e lavado de todo o pecado.

"E, se sois purificados e lavados de todo pecado, em nome de Jesus pedireis ao Pai, seja o que for que quizerdes, e será feito." (D&C 50:21-24, 27-29).

Alma, um grande profeta do Livro de Mórmon, após proferir, sob a influência do Espírito Santo, um grandioso sermão a respeito da obediência, disse em parte como havia recebido tal conhecimento e poder. "Eis que eu vos digo que elas (as coisas de que falou) me foram mostradas pelo Santo Espírito de Deus. Jejuei e orei durante muitos dias, para conhecer essas coisas por mim mesmo. E agora sei por mim mesmo que são verdadeiras, pois o Senhor Deus mas revelou por seu Santo Espírito; e esse é o espírito de revelação que está em mim." (Alma 5:46).

Às vezes, os membros parecem crer que basta jejuar e orar para que recebam respostas a seus problemas. Tempos atrás, fui procurado por uma moça preocupada, porque, depois de ter jejuado e orado durante dois dias para saber se devia casar-se com certo rapaz, sentiu ter recebido resposta afirmativa, mas passado pouco tempo, o rapaz ficou noivo de outra jovem. Eis a questão que me propôs: "Como isto pôde acontecer, uma vez que tive a resposta de que se casaria comigo?"

No decorrer da entrevista, tornou-

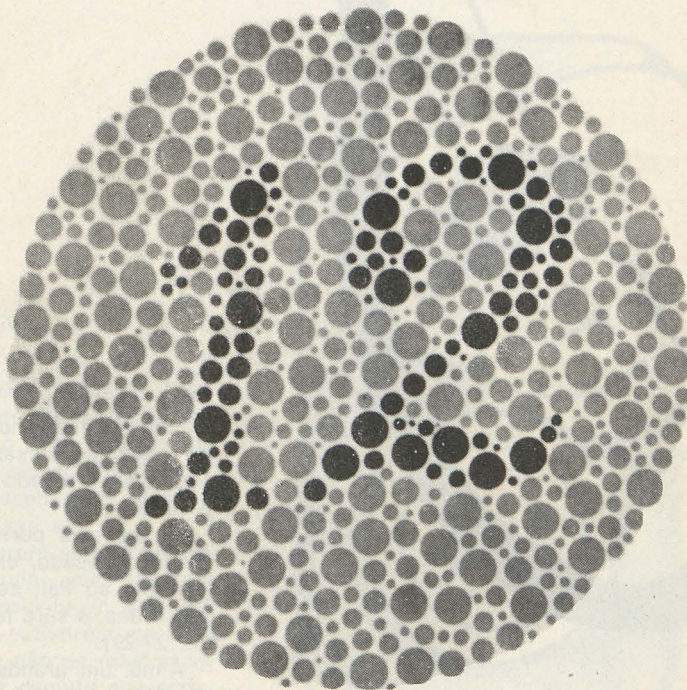
se patente que havia certos mandamentos que, embora os conhecesse não os estava cumprindo. Na verdade, é preciso mais que jejuar e orar. Devemos começar tudo de novo; precisamos arrepender-nos — confessar e abandonar nossos pecados. Temos que estudar as Escrituras, sim, pesquisar as Escrituras; temos que guardar os mandamentos de Deus, e guardá-los rigorosamente. Eles são calculados para colocar-nos em condição de podermos receber a luz e verdade, e mesmo inteligência, que é comunicação de Deus, nosso Pai, da qual necessitamos tão desesperadamente, e a única coisa realmente valiosa que levaremos ao partir.

Quero prestar-vos meu testemunho, irmãos e irmãs, de que tudo aquilo que ouvistes falar durante esta conferência é o pensamento do Senhor, a vontade do Senhor e a palavra do Senhor para a salvação de seus santos na atual conjuntura, pois ele vive e fala a seus servos no dia de hoje. Devemos atentar para a palavra do Senhor; portanto, é tremendamente importante que apreendamos estas palavras e operemos a nossa salvação com temor e tremor diante dele, cumprindo rigorosamente esses mandamentos. Que assim possamos fazer e possa ser dito de nós quando partirmos, que "ele levou consigo um espírito puro, livre, iluminado e feliz, e uma consciência isenta de ofensa aos seus semelhantes." Que este possa ser nosso feliz estado, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Auxílio Necessário nas Áreas Sombreadas

William E. Berrett

Assistente do Conselho dos Doze



Enquanto prestava serviço militar durante a II Guerra Mundial, tive que submeter-me ao teste visual **Ishihara**, que utiliza diversas cores, desenhos e números para diagnosticar os diversos tipos de daltonismo. Nesse teste, os portadores de certas formas de daltonismo conseguem distinguir sem dificuldade as cores puras, distintas, mas as áreas sombreadas, de mudança gradativa entre elas apresentam problemas. Tais pessoas não conseguem discernir corretamente e, por mais que esforcem, são incapazes de distinguir as diferenças de nuance que são óbvias para a vista normal.

Nesse teste visual, descobri uma importante mensagem que tem ampla aplicação em nossa vida.

Não existirá semelhança entre a condição de daltonismo que acabo de descrever e a condição do membro da Igreja que alega estar buscando a verdade, ansioso por obter um forte testemunho a respeito da verdade, e no entanto não está disposto ou não é capaz de humilhar-se diante do Senhor, de exercer fé e de viver o Evangelho? Deixando de fazer estas coisas, está permitindo que os pecados de omissão lhe fechem a porta para a grande fonte de toda a verdade — nosso Pai dos céus, e como resultado, a sua visão é falha.

Ao palmilharmos o caminho da vida, nós, como indivíduos, entramos em contato com muitas áreas sombreadas, zonas crepusculares e mesmo passagens escuras onde, a menos que sejamos guiados por um poder superior, não somos capazes de enxergar claramente, de interpretar corretamente, e de chegar a conclusões certas. Algumas dessas áreas indistintas são encontradas no mundo físico, outras no mundo intelectual e outras ainda na esfera espiritual. Entretanto, não nos esqueçamos de que, para o Senhor, todas as coisas são espirituais.

“Portanto, na verdade vos digo que todas as coisas me são espirituais, e em tempo nenhum vos dei uma lei que fosse temporal; nem a homem algum, nem aos filhos dos homens; nem a Adão, vosso pai, a quem criei.

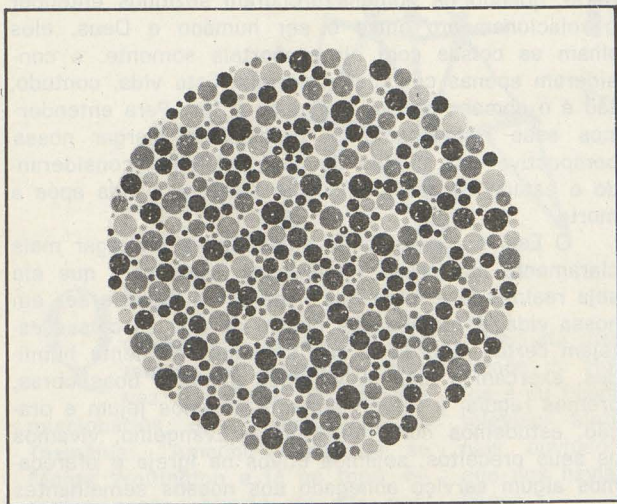
“Eis que eu concedi que ele fosse o seu próprio árbitro; e lhe dei mandamentos, mas nenhum mandamento temporal lhe dei eu, pois os meus mandamentos são espirituais; não são naturais nem temporais, nem carnis, nem sensuais.” (D&C 29:34-35)

Como indivíduos, temos algumas limitações na questão de entender as coisas como realmente são. Podemos ver até certa distância, até onde se juntam a terra e o céu, por assim dizer, e nada além. Mas exis-

tem mais coisas além daquele ponto. No mundo físico, tudo o que temos a fazer para aumentar nosso raio de visão é subir no topo de um edifício, numa montanha ou tomar um avião.

Temos que melhorar nosso raio de visão em todos os aspectos da vida — na esfera intelectual e espiritual, bem como na física. Ao tentar fazê-lo, devemos lembrar de que, em qualquer situação, existem fatos e existem opiniões. Há também causas de dificuldades, bem como sintomas que se manifestam por si mesmos. Na medida em que estamos dispostos e somos capazes de chegar aos fatos e às causas, e de ver claramente a relação entre eles, estamos em boa posição para interpretar corretamente e tirar conclusões válidas. Porém, enquanto ficamos perdendo tempo com opiniões e sintomas, estaremos prolongando nossas dificuldades e retardando a hora de chegarmos a soluções finais e satisfatórias.

É importante que nos lembremos também de que, não importa quão inteligentes sejamos, não importa a extensão de nosso empenho, não importa a excelência de nossos professores ou quão favoráveis são as demais condições para a aprendizagem no tempo de vida terrena que nos é concedido, só poderemos assimilar

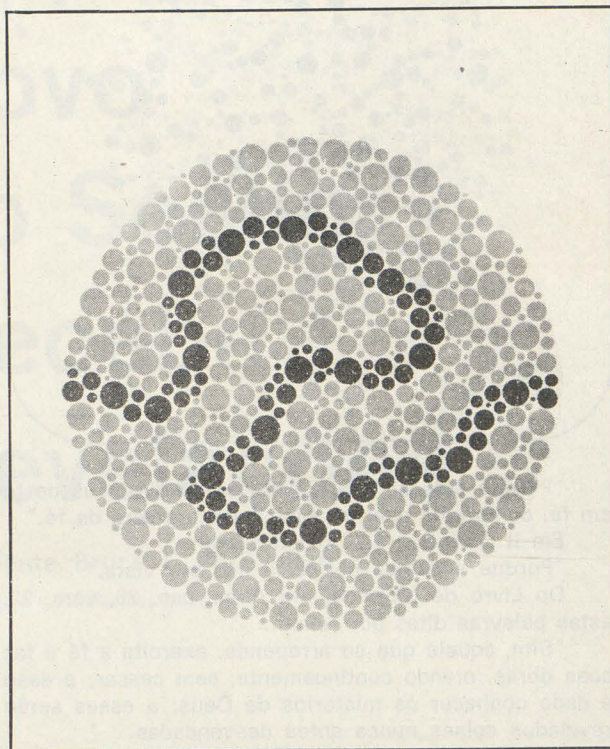


uma ínfima fração do conhecimento total; e, geralmente, o que assimilamos limita-se a uma área estreita, especializada. Conseqüentemente, nós, por natureza, temos limitações. Nosso raciocínio é com frequência extremamente seletivo e fragmentado, e nosso julgamento muitas vezes falho. Não deveríamos então aceitar o conselho dado por Salomão?

"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.

"Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas." (Prov. 3:5-6).

Sem a orientação divina, teremos dificuldades nas áreas sombreadas, indistintas da vida. Mas não é preciso que caminhemos sozinhos. Nosso Pai nos céus e seu Filho Jesus Cristo e os profetas — tanto antigos como modernos — indicaram-nos o rumo claramente traçado para a jornada da vida. Basta que atentemos para os sinais ao longo do caminho e sigamos as dire-



ções que nos foram indicadas, para encontrarmos alegria e felicidade, e chegarmos seguramente ao nosso destino.

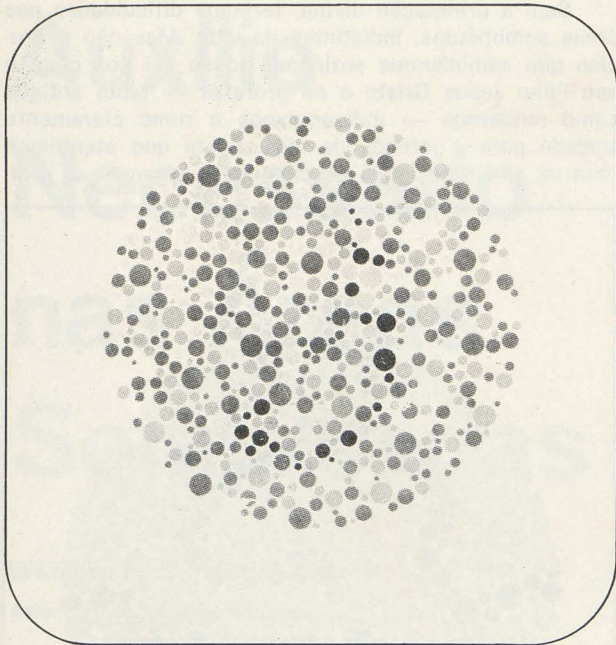
E quais são tais sinais e direções? Eles estão registrados detalhadamente nos escritos sagrados e nos pronunciamentos inspirados dos nossos atuais profetas. Gostaria de mencionar apenas uns poucos, e bem poderia começar com uma declaração do próprio Senhor, conforme foi registrada em João, cap. 7, vers. 16 e 17:

"Jesus lhes respondeu, e disse: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.

"Se alguém quizer fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo."

Na epístola de Paulo aos romanos, cap. 1, vers. 16 e 17, lemos:

"Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego.



"Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé."

Em II Coríntios 5:7, encontramos:

"Porque andamos por fé, e não por vista."

Do Livro de Mórmon, em Alma, cap. 26, vers. 22, estas palavras ditas por Amon:

"Sim, aquele que se arrepende, exercita a fé e faz boas obras, orando continuamente, sem cessar; a esse é dado conhecer os mistérios de Deus; a esses serão revelados coisas nunca antes desvendadas..."

Em Doutrina e Convênios, seção 88, vers. 63, lemos o seguinte: "Achegai-vos a mim e eu me acheguei a vós; procurai-me diligentemente e me achareis; pedi, e recebereis; batei, e abrir-se-vós-á."

E na seção 18, versículo 18, diz o Senhor, falando a Joseph Smith, Oliver Cowdery e David Whitmer: "Pedi ao Pai em meu nome, crendo com fé, que recebereis e tereis o Espírito Santo, o qual manifestará todas as coisas que são proveitosas aos filhos dos homens."

E na seção 121, versículos 45 e 46:

"Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade para com todos os homens e para com a família da fé, e que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do Sacerdócio se destilará sobre a tua alma."

"O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imarável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno, e, sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre."

No Livro de Mórmon, em Morôni 10:5, o Senhor disse-nos que podemos saber a verdade de todas as coisas pelo poder do Espírito Santo. Que promessa maravilhosa! E ela pode concretizar-se para todos nós, membros da Igreja, pois que após o batismo, fomos confirmados pela imposição das mãos de alguém que tinha autoridade para nos conferir o dom do Espírito Santo. Basta apenas que vivamos como devemos, e façamos a nossa parte, para experimentarmos que grande força e bênção o Espírito Santo pode ser em nossa vida. Ele consegue ampliar e estender nossos horizontes e pode acender as luzes, a fim de que envergemos as áreas sombreadas da vida e, de fato, todos os setores do nosso viver.

Certas pessoas parecem mais inclinadas e descreer das Escrituras e ensinamentos dos profetas modernos que neles crer. Tenho dito a mim mesmo que, se eles fizessem o mesmo empenho para crer como se esforçam em descreer, e se humilhassem, exercessem a fé e estudassem diligentemente, o Espírito Santo os ajudaria, e eles descobririam que, na verdade, acreditam em muitas coisas nas quais agora pensam descreer.

O Espírito Santo pode-nos dar a convicção segura de que o homem é um filho de Deus. Mas de um modo geral, quando os homens procuram sozinhos entender o relacionamento entre o ser humano e Deus, eles olham as coisas com olhos mortais somente, e consideram apenas condições mortais. Esta vida, contudo, não é o começo e nem tampouco o fim. Para entendermos esse relacionamento, precisamos alargar nossa perspectiva com auxílio do Espírito Santo, considerando o estado da preexistência e também a vida após a morte.

O Espírito Santo pode ajudar-nos a enxergar mais claramente nas áreas sombreadas. Mas, para que ele seja realmente a força que pode ser e deveria ser em nossa vida, é preciso que dentro de nós as coisas estejam certas. É preciso que sejamos realmente humildes, exerçamos uma fé vigorosa aliada a boas obras, oremos regular e fervorosamente, unamos jejum e oração, estudemos com diligência o Evangelho, vivamos os seus preceitos, sejamos ativos na Igreja e ofereçamos algum serviço abnegado aos nossos semelhantes e à edificação do reino de Deus aqui na terra.

Tenho sentido o poder do Espírito Santo em minha vida — na sala de aula — no campo de batalha — nas designações da Igreja — e no viver cotidiano. A influência tem sido muito mais pronunciada, quando me humilhei perante o Senhor e preparei-me exercendo fé, estudando arduamente, vivendo o Evangelho, e jejuando e orando.

Testifico-vos que Deus vive, que o Evangelho é verdadeiro, que esta a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, e que temos um verdadeiro profeta de Deus a nos guiar nos dias de hoje. Em nome de Jesus Cristo. Amém.



O Povo do Senhor Recebe Revelações

Presidente Bruce C. McConkie

Do Primeiro Conselho dos Setentas

Quando era presidente de missão na Austrália, certa vez eu disse aos nossos missionários que trabalhavam na Tasmânia: "Amanhã subiremos ao Monte Wellington e lá no topo, faremos nossa reunião de missionários. Ali procuraremos comungar com o Senhor e partilhar do seu Espírito."

Executamos o plano e enquanto estávamos lá no topo, visitamos uma emissora de rádio e televisão. Um moço inteligente explicou-nos em palavras que nunca ouvira e usando princípios que não conseguia entender e continuo não entendendo, como os sons e imagens eram transmitidos para o vale embaixo.

Naquela mesma noite, de volta à cidade de Hobart, meus dois garotos e eu ficamos sentados diante do televisor sintonizado num dos canais, ouvindo, vendo e sentindo o que nos havia sido descrito em palavras.

Pois bem, penso que isto ilustra perfeitamente a questão de receber revelações e ter visões. Podemos ler a respeito de revelações e visões nos registros do passado, estudar os escritos inspirados de povos que tinham a plenitude do Evangelho em seus dias, mas não conseguimos compreender o processo, até que ouçamos, vejamos e sentimos pessoalmente.

Este Tabernáculo está neste mo-

momento repleto de palavras e música. Estão cantando o **Messias** de Händel¹ e os estadistas de todo o mundo falam à sua gente, defendendo seus pontos de vista políticos. Mas nós não ouvimos nada disto.

Este Tabernáculo está cheio de cenas do Vietnam e de Washington. Existe até mesmo uma imagem de homens andando na superfície lunar, embora não vejamos coisa alguma. Entretanto, no momento em que sintonizarmos um rádio na faixa de ondas adequada e um receptor de TV no canal certo, começamos a ouvir ver e experimentar o que de outra maneira continuaria totalmente desconhecido para nós.

O mesmo acontece com as reve-

lações e visões da eternidade. Estão sempre presentes ao nosso redor. Este Tabernáculo está tomado das mesmas coisas registradas nas Escrituras e muitas mais. A visão dos graus de glória está sendo irradiada diante de nós, mas nós não a ouvimos ou vemos ou sentimos, porque

O Consolador conhece todas as coisas; é incumbido de prestar testemunho do Pai e do Filho, de revelar, de ensinar e de testificar — e ele irradia continuamente todas as verdades de salvação e todo o conhecimento e sabedoria de Deus para toda a imensidão do espaço.

rém, somente nos tempos modernos, os homens têm ouvido, visto e experimentado essas coisas miraculosas. E também sempre existiram e continuam existindo as leis pelas quais o homem pode ter visões, ouvir a voz de Deus e participar das coisas do Espírito. Mas milhões de pessoas em toda a parte vivem e morrem sem provar a boa palavra de Deus, porque não obedecem às leis que implantam em sua alma as revelações do Senhor.

Pode-se dizer que a única maneira de obter a verdadeira religião é recebê-la do Senhor. A verdadeira religião é revelada e não uma criação de autoria do homem — ela procede de Deus.

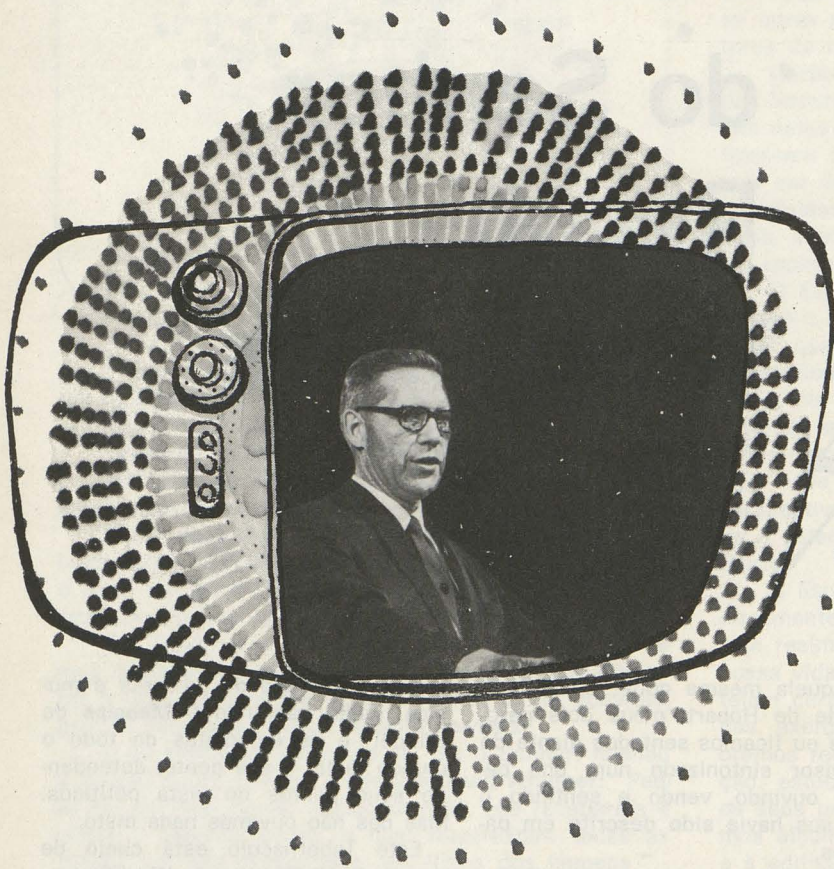
O homem não criou Deus e nem pode redimir a si próprio. Homem algum poderá ressuscitar a si mesmo ou legar a si próprio uma herança num reino celestial. A salvação é concedida por Deus, segundo seus próprios termos, e as coisas que o homem tem que fazer para ganhá-la só podem ser conhecidas por revelação.

Ou Deus se revela ou permanece desconhecido para sempre, e as coisas de Deus são e só podem ser compreendidas por meio do Espírito de Deus.

A verdadeira religião trata das coisas espirituais. Não é pelo intelecto ou por pesquisas ou pelo raciocínio que chegamos a um conhecimento de Deus e suas leis. Possui uma inteligência comum — nem melhor nem pior do que a da maioria dos homens.

Na esfera das realizações intelectuais, tenho um diploma universitário. E no âmbito, a instrução e cultura devem ser devotadamente desejadas.

Mas, quando comparados aos dotes espirituais, seu valor é apenas insignificante e passageiro. Do ponto de vista eterno, o que cada um de nós precisa é de um diploma universitário em fé e retidão. As coisas



nossa alma não está sintonizada na faixa de onda na qual o Espírito Santo transmite.

Joseph Smith disse: "O Espírito Santo é um revelador." e "Nenhum homem pode captar o Espírito Santo sem receber revelações." (**Teachings of Prophet Joseph Smith.**)

Disse Morôni: "... pelo poder do Espírito Santo podereis saber a verdade de todas as coisas."

Como isto é feito, não o sabemos. Não conseguimos compreender Deus ou as leis pelas quais governa o universo. Mas sabemos que isto realmente acontece, porque aqui embaixo no vale, quando afinamos nossa alma com o Infinito, ouvimos, vemos e sentimos as coisas de Deus.

As leis que governam as transmissões de rádio e televisão existem desde os tempos de Adão, po-

que iremos aproveitar eternamente não são o poder de raciocinar, mas a capacidade de receber revelação; não as verdades aprendidas pelo estudo, mas o conhecimento adquirido pela fé; não o que sabemos a respeito das coisas do mundo, mas nosso conhecimento de Deus e suas leis.

Joseph Smith afirmou que um homem poderia aprender muito mais sobre as coisas de Deus, olhando dentro dos céus por cinco minutos do que lendo todos os livros jamais escritos acerca da religião. Religião é algo que precisa ser sentido, experimentado.

Conheço gente que pode falar incessantemente sobre religião, mas que nunca teve uma só experiência religiosa. Conheço pessoas que escreveram livros sobre religião, mas não têm mais espiritualidade do que um poste de cedro. Seu interesse na doutrina do Evangelho visa defender seus próprios pontos de vista especulativos, em lugar de procurar descobrir o que o Senhor pensa sobre a questão envolvida. Suas conversas e escritos movem-se na esfera da razão e do intelecto; o Espírito de Deus não chegou a tocar sua alma; elas não nasceram de novo, tornando-se novas criaturas do Espírito Santo; elas não receberam revelação.

Todo membro da Igreja tem o privilégio e o direito de receber revelação e usufruir os dons do Espírito. Quando somos confirmados membros da Igreja, recebemos o dom do Espírito Santo, que é o direito à companhia constante desse membro da Divindade, sempre em dependência da fidelidade. Desfrutar desse dom depende do merecimento pessoal. "Pelo seu Santo Espírito, sim, pelo inexprimível dom do Espírito Santo, Deus vos dará conhecimento...", diz a revelação aos santos. (D&C 121:26).

Falando das revelações recebidas por seu pai, diz Néfi: "... (ele) ver-

dadeiramente... havia dito muitas coisas que eram difíceis de ser compreendidas, a menos que se recorresse ao Senhor..."

Dessas mesmas revelações, disseram Lamã e Lemuel: "Não podemos compreender as palavras que nosso pai falou..."

Néfi perguntou-lhes: "Haveis perguntado ao Senhor?", ao que replicaram:

"Não perguntamos, por que o Senhor não nos dá a conhecer estas coisas."

Então Néfi fez seu glorioso pronunciamento: "Por que não guardais os mandamentos do Senhor? Quereis pois, perecer por causa da dureza de vossos corações?"

"Não vos lembrais das coisas que o Senhor disse? — Se não endurecerdes vossos corações e, se pedirdes com fé, acreditando que sereis atendidos e guardando diligentemente os meus mandamentos, certamente estas coisas vos serão dadas a conhecer." (I Néfi 15:3, 7-11).

Receber revelações é um direito dos membros da Igreja. Joseph Smith falou: "... Deus não revelou coisa alguma a mim, que não dará a conhecer aos Doze, e mesmo o último dos santos poderá conhecer todas as coisas, tão logo seja capaz de suportá-las..." (Teachings, p. 149).

E ainda: "É privilégio de todo élder falar das coisas de Deus; e pudéssemos todos nos reunirmos com um só coração e mente em perfeita fé, o véu poderia muito bem rasgar-se hoje como na próxima semana ou outro tempo qualquer..." (Teachings, p. 9).

A religião precisa ser sentida e experimentada. No relato do ministério do Senhor ressurrecto entre os nefitas, encontramos o seguinte: Jesus "ajoelhou-se também por terra; e eis que orou ao Pai, sendo que as coisas que disse em sua oração não podem ser escritas; e os da multidão, que o ouviram, deram testemunho.

"E desta forma testemunharam: Os olhos jamais viram e os ouvidos jamais ouviram até agora coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer ao Pai.

"E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu nossas almas na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai." (III Néfi 17:15-17).

Depois, dizem as Escrituras de uma oração subsequente: "E a língua não pode repetir as palavras em que orou, nem pode homem algum escrever as palavras de sua oração.

"E a multidão as ouviu e delas deu testemunho; e seus corações se abriram e compreenderam as palavras de sua oração.

"Não obstante, tão extraordinárias e maravilhosas foram as palavras por ele proferidas, que não podem ser escritas nem podem ser proferidas por nenhum homem." (III Néfi 19:32-34).

A religião vem de Deus por revelação, e lida com coisas espirituais; e a menos e até que um homem tenha recebido revelação, ele não recebeu a religiosidade e não está no caminho que leva à salvação no reino de nosso Pai.

Presto testemunho dessas coisas, porque recebi revelação — revelação que me diz (entre outras coisas) que Jesus Cristo é o Filho de Deus; que Joseph Smith é um profeta, por intermédio do qual o conhecimento de Cristo e da salvação foi restaurado em nossos dias; e que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é literal e verdadeiramente o reino de Deus na terra. E estas coisas eu testifico em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

George Frederick Händel (1685-1759) — compositor de origem alemã radicado na Inglaterra.

A Lei da Abundância

Franklin D. Richards

Assistente do Conselho dos Doze

Caros irmãos e irmãs, considero tanto um privilégio como uma bênção estar presente nesta inspiradora conferência, e sei que a resposta para muitos dos problemas atuais será encontrada nas mensagens que estão sendo apresentadas por nossos líderes.

A despeito dos problemas existentes na atualidade, nós, como povo, temos que reconhecer que estamos sendo abundantemente abençoados com as riquezas do mundo; sabemos, contudo, que tudo o que temos é do Senhor, e que ele nos abençoou com essas coisas para ver como as utilizaremos.

Acho que poderíamos dizer: A vida é a maior dádiva de Deus ao homem, e o que fazemos com essa vida é a nossa retribuição a Deus.

O Presidente Brigham Young, referindo-se à questão de fazer da vida uma retribuição a Deus, disse o seguinte: "Nossa religião vale tudo para nós, e por ela devemos estar dispostos a dedicar nosso tempo, nosso talento, nossos meios, nossas energias, nossa vida." (*Journal of Discourses*, vol. II, p. 119).

E, "Se agirmos retamente, haverá entre este povo um eterno incremento em talento, vigor e intelecto, e riquezas terrenas, deste momento, de hoje em diante, e para todo o sempre." (*JD*, vol. I, p. 110).

"Nenhuma bênção selada sobre nós nos fará qualquer bem, a não ser que vivamos para ela." (*JD*, vol. II, p. 117).

É interessante notar que aqui, como em outra parte qualquer das

Escrituras, são feitas promessas de riqueza terrena e maiores talentos aos que vivem os princípios do Evangelho, além de serem aconselhados a usar nossos talentos e bens para a edificação do reino. Muitas passagens, entretanto, contêm palavras de advertência a respeito das tentações decorrentes da aquisição de riquezas e seu emprego para fins iníquos.

Paulo, o grande apóstolo, escrevendo ao querido companheiro Timóteo, diz-lhe que "o amor do dinheiro é a raiz de toda a espécie de males", e "manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; Que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente..."


(I Tim. 6:10, 17-18).

Desde os primórdios da Igreja, seus líderes têm ensinado o valor dos princípios do trabalho, industriabilidade e economia; e sempre que foram praticados, os membros da Igreja prosperaram de muitas maneiras. Os membros têm sido igualmente aconselhados a estabelecer e conservar sua independência econômica, encorajando-se as indústrias criadoras de empregos.

Em apoio a esses ensinamentos, todo homem possuidor de propriedades e meios deve viver de modo que obtenha sabedoria para administrá-los, para que produzam o maior rendimento possível para si mesmo, sua família, seus semelhantes e para o reino de Deus.

Volta a citar o Presidente Young: "Quando este povo está preparado para usar apropriadamente as rique-





A prova real de um homem é sua atitude para com seus bens terrenos.

zas deste mundo em favor da edificação do Reino de Deus, o Pai está pronto e disposto a concedê-las a nós. Gosto de ver homens enriquecendo pela industriiosidade, prudência, capacidade administrativa e poupança e depois devotarem seus meios ao erguimento do Reino de Deus sobre a terra." (JD, vol. 2, pp. 114-15).

Andrew Carnegie¹ expôs sua atitude para com a riqueza da seguinte forma: "Este, pois, é tido como o dever do rico: Primeiro, dar o exemplo de uma vida modesta, despretençiosa, avessa a exhibições e extravagâncias; prover moderadamente as necessidades legítimas dos que dele dependem; e depois disso, considerar todos os rendimentos excedentes como simples fundos em custódia, os quais é chamado a administrar, e, mais, por questão de dever,

estritamente obrigado a geri-los de modo melhor, na sua opinião, para produzir os mais benéficos resultados para a comunidade — tornando-se o homem abastado assim, um mero curador e agente de seus irmãos mais pobres, aplicando a serviço deles sua melhor sabedoria, experiência e capacidade administrativa, trabalhando por eles melhor do que poderiam fazer pessoalmente." **(The Gospel of Wealth).**

Tendo em mente esta filosofia de riqueza, poderíamos dizer em verdade: "Eu valho aquilo que faço pelos outros."

Sob muitos aspectos, a prova real de um homem é sua atitude para com seus bens terrenos.

Segundo esse raciocínio, então, nosso principal escopo deveria ser a edificação do reino de Deus. Muitos têm dito em momentos de maior generosidade e abnegação: "Se ao menos eu tivesse os meios, construiria uma bela igreja, proveria uma escola para crianças desprivilegiadas, providenciaria um hospital onde fosse necessário, e assim por diante."

Provavelmente, poucos jamais conseguirão os meios para qualquer dessas custosas obras; não obstante, cada um de nós, se tiver o desejo, pode participar num desses maravilhosos projetos, dando suas contribuições, incluindo o pagamento do dízimo e ofertas.

Em todos os tempos, o Senhor mandou que seu povo se lembrasse dos necessitados e pagasse o dízimo e ofertas, objetivando a edificação do reino.

Na presente dispensação, o Senhor revelou-nos que "este é um dia de sacrifício, e um dia para o dízimo do meu povo". (D&C 64:23). Acho conveniente observar que um número bastante substancial atualmente está cumprindo tal requisito. No entanto, por outro lado, muitos são negligentes no pagamento do dízimo e ofertas.

Disse o Senhor: "Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas..."

"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro... e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha maior abastança." (Malaquias 3:8,10).

Os dízimos são fundos sagrados, e o Senhor revelou-nos nesta dispensação que "a disposição dos dízimos será feita pelo conselho, composto da Primeira Presidência da minha Igreja, e do bispo e seu conselho... e pela minha própria voz a eles..." (D&C 120:1).

Com o crescimento acelerado da Igreja em todo o mundo, são precisos mais e mais prédios e instalações — capelas, escolas, seminários, templos, hospitais, casas de missão, centros de visitantes e assim por diante.

Não só a construção dessas novas instalações da Igreja exigem grandes investimentos de capital, como também a administração e conservação desses prédios impõem pesados encargos financeiros.

A Igreja é designada a cuidar das

A Lei da Abundância

necessidades espirituais e temporais de seus membros, tanto dos vivos como dos mortos; e tal plano abrange programas diversos, como educacionais, missionários, de bem-estar, auxiliares, assistência social, genealógico e muitos outros. Funcionando em âmbito mundial, esses programas igualmente exigem grande assistência financeira.

Estamos aguardando por este dia por mais de cem anos, e estou certo de que, se cumprirmos os mandamentos do Senhor, ele nos dará os meios para atendermos às obrigações financeiras referentes ao crescimento e desenvolvimento da Igreja, bem como nossos próprios encargos.

Escrevendo aos santos de Corinto, o apóstolo Paulo disse-lhes que "o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará.

"Cada um contribua... (mas) não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria." (II Cor. 9:6-7).

Nesta dispensação, disse o Senhor: "E... te ordeno que não cobices a tua própria propriedade, mas contribuas livremente..." (D&C 19:26).

Ao considerarmos-nos depositários da riqueza para o benefício dos filhos de Deus, não devemos cultivar os bens materiais, sejam de grande ou pequeno valor. Se formos culpados disso, então temos que arrependermos e corrigir nossos valores.

A pessoa que pesa as riquezas do mundo contra as coisas de Deus,

evidencia pouco entendimento dos valores eternos.

Falamos de fazer sacrifícios para edificar o reino de Deus, mas para mim, aplicamos a palavra totalmente errada — poder participar da edificação do reino é um grande privilégio e bênção.

Recentemente dediquei uma linda capela, e naquela ocasião, contaram-me que para poderem pagar o resto do encargo da ala no custo da construção. (Aproximadamente vinte e oito mil cruzeiros. N. do T.), o bispo pedira aos membros que limitassem às crianças pequenas, os presentes de Natal doando a soma assim poupada para o fundo de construção. Os membros atenderam prazerosamente, considerando-o como uma oportunidade de receber uma bênção em lugar de sacrifício, e no serviço dedicatório, muitos prestaram testemunho nesse sentido.

Enquanto a pessoa for honesta com o Senhor, a quantia paga não é importante. A moeda da viúva ou da criança são tão importantes e bem aceitas como a oferta do rico. Quando homens, mulheres e crianças são honestos com Deus e pagam seus dízimos e ofertas, o Senhor dá-lhes sabedoria pela qual poderão fazer o mesmo ou mais com o que lhes restar, do que poderiam, se não tivessem sido honestos com o Senhor. Muitas vezes são abençoados e prosperam de várias maneiras — espiritual, física e mentalmente, bem como no aspecto material. Presto-vos testemunho de que isto é verdade, e tenho certeza de que muitos de vós poderíeis testificar o mesmo.

Lembra-vos das palavras do Senhor Jesus, quando disse: "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber." (Atos 20:35).

Então, para o que servem as riquezas? Para serem usadas em fazer o bem. Portanto, dediquemos nossos meios à edificação do reino de Deus. Tomemos agora a resolução de ser honestos com o Senhor no pagamento de nossos dízimos e ofertas.

Eu sei que Deus vive e que Jesus é o Cristo, nosso Salvador e Redentor, e isto é sumamente mais importante que qualquer riqueza terrena.

Sei também que o Evangelho em sua plenitude foi restaurado nesta dispensação, através da instrumentalidade do Profeta Joseph Smith, e que hoje existe um profeta vivo à testa da Igreja, o Presidente Joseph Fielding Smith. Isto igualmente é de muito maior valor que qualquer soma de abastança terrena.

Contudo, só um testemunho não nos salvará, mas sim o cumprimento dos mandamentos de Deus — viver a vida de um verdadeiro santo dos últimos dias. É importante, pois, considerar que é preciso viver o Evangelho, para realizá-lo plenamente e receber seu poder.

Por isso, empreguem os meios que o Senhor nos concedeu para enriquecer a existência dos nossos semelhantes menos afortunados que nós, e na edificação do reino de Deus, a fim de tornarmos a nossa vida uma boa dádiva, é que oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

1. Andrew Carnegie (1835-1919) Industrial e filantropo norte-americano de origem escocesa.

A JORNADA PARA O OESTE

Mary Pratt Parrish

Pela janela, podia ver a neve caindo, formando como que altos capuzes sobre as estacas da cerca. "Agora está muito frio para irmos embora, bichana."

Betsy tinha seis anos, todos eles vividos alegremente em Nauvoo com o pai, a mãe e Tommy, seu irmão maior. Mas, ultimamente, sentia-se preocupada, pois quase todos os dias, alguém dizia: "Nós vamos para o Oeste, quando o capim brotar e a água voltar a correr." Ela não sabia exatamente o que isto queria dizer, mas compreendia que mais tarde, num futuro próximo, iriam sair da bela casa em Nauvoo e partir, e ela não queria ir embora.

Olhou para o relógio pendurado na parede, observando o vaivém do pêndulo. Será que o relógio iria junto, e a cadeira com o grande encosto arredondado? A mãe estava na cozinha às voltas com o jantar. Será que levariam o fogão, a mesa e todas as cadeiras também?

Onde iriam colocar tudo isso? Ontem acompanhara o pai à oficina do ferreiro para ver o carroção que estava fazendo para sua jornada ao Oeste. Ela sabia que não era tão grande que levasse todas as coisas.

A gatinha olhou para a menina e miou. Betsy agachou-se, levantou-a carinhosamente e foi sentar-se com ela no colo diante da lareira acesa. Pela janela, podia ver a neve caindo, formando como que altos capuzes sobre as estacas da cerca.

— Agora está muito frio para irmos embora, bichana. Quem sabe ainda leva algum tempo até ficar mais quente.

Em resposta, a gata apenas aconchegou-se melhor, meteu o focinho na curva do braço e pôs-se a dormir. O relógio da parede parecia dizer: Dorme-Betsy, dorme-Betsy e logo também a garotinha fechou os olhos.



Ao acordar, todo mundo parecia estar falando ao mesmo tempo. Tommy informava que botara um cabresto na velha Nell. Mamãe dizia ser preciso buscar a farinha no porão. O pai entrava e saía apressado pela porta aberta, carregando suprimentos para o carroção coberto.



Ao acordar, todo mundo parecia estar falando ao mesmo tempo. Tommy informava que botara um cabresto na velha Nell. Mamãe dizia ser preciso buscar a farinha no porão. O pai entrava e saía apressado pela porta aberta, carregando suprimentos para o carroção coberto.

— Aonde vamos? — indagou Betsy, mas ninguém parou para responder. Sentiu frio e assim, vestiu o casaco e ficou apenas parada, olhando. Estava justamente ao lado do pai, quando este disse ao Tommy:

— Sinto muito que você não possa levar seu carneiro de estimação. Se pudéssemos ter esperado até a primavera, seria diferente. Então encontraríamos bastante forragem natural e água, mas agora a terra está congelada e não há muito de uma nem de outra. Teremos que reservar todo grão que conseguirmos para os bois.

Mas, por que temos que partir agora? Por que não podemos esperar até a primavera? — indagou Tommy.

— Porque não é seguro ficar mais tempo, — explicou o pai. — Na noite passada, um dos irmãos foi raptado e chicoteado. Ainda não sabemos se conseguirá ou não sobreviver. Há tres semanas, duas famílias foram obrigadas a

abandonar suas casas num dia de intenso frio e ficar vendo queimarem-se elas até o chão.

— Hoje pela manhã Brigham Young reuniu-se com todos os irmãos que possuem o Sacerdócio, e acabamos chegando à conclusão de que, partindo agora, evitaríamos uma porção de problemas. É por isso que vamos embora hoje, filho.

— Naturalmente, o alimento será escasso e o gado sofrerá, mas o Presidente Young pediu que todos levantassem a mão, prometendo repartir o que tivessem com os demais. 'Quando seus suprimentos tiverem acabado,' disse ele, 'o Senhor os abençoará e ajudá-los-á a encontrar mais.' E quanto ao seu carneirinho, Tommy, alguém o achará e cuidará dele.

Betsy viu Tommy pôr a mão na garganta como que tentando estancar um soluço. O pai também reparou, e enlaçou os ombros do menino ao dizer:

— Esta é uma ocasião em que até os garotos de oito anos têm que portar-se como homens.

— Gostaria de poder levar alguma coisa que fosse só meu, — queixou-se o menino.

O pai ficou calado por uns instantes e então disse:

— Acho que nenhum de nós poderá le-

var qualquer coisa só nossa. Tudo o que temos deve ser em comum. Mas há uma coisa de que você poderá cuidar para todos nós — a velha bandeira que está na gaveta superior da cômoda. Seu avô carregou essa bandeira enquanto lutava pela liberdade na guerra da Independência. Vá pegá-la, filho, e cuide dela para nós. Penso que algum dia precisaremos dela.

Agora, Betsy já sabia para onde iriam. Agarrou a gatinha com medo de que seu pai não permitisse levá-la. Segurou-a com tanta força, que a bichinha se pôs a miar. Chegou a meter as unhas no ombro da menina, mas ainda assim, ela não afrouxou o braço. A mãe, vendo as lágrimas que Betsy tentava conter, perguntou-lhe:

— O que há, querida?

— Eu queria levar minha gatinha conosco para o Oeste. Posso?

A mãe pareceu consternada. Olhou pela janela para a vaca junto ao carroção lá fora, e depois seu olhar pareceu alongar-se muito além do que estava vendo.

— Como você sabe, Betsy, — respondeu afinal, — nós vamos levar uma vaca. Caso se tratasse apenas da nossa família, estou certa de que haveria leite suficiente também para a gatinha. Mas haverá muitas crianças cujos pais não poderão levar uma vaca, e elas precisarão de leite. Você não iria querer que um bebê passasse fome só por ter levado sua gatinha não é?

A menina arregalou os olhos.

— Mas eu não quero ir para o Oeste! Quero ficar aqui com minha gata, e o relógio e a minha cama! — retrucou, sentando-se na grande cadeira de braços e encostando arredondado, na qual fora tantas vezes embalada pela mãe quando pequena. Esforçava-se tanto em reprimir o choro, que lhe doíam as mandíbulas e a garganta.

Finalmente, erguendo o olhar, viu que também os olhos da mãe estavam rasos d'água. Então repentinamente, compreendeu que ela também não se sentia contente em partir. A menina sentiu pesar por ter agido como um bêbe. Afinal, já tinha seis anos, idade suficiente para portar-se como mulher.

Levantando-se rapidamente da cadeira, apurou os ombros e perguntou:

— Quero ajudar a senhora, mamãe. O que falta fazer, a fim de que possamos partir?

Sorrindo, a mãe deu-lhe um breve abraço e respondeu:

— Você pode colocar estes pedaços de sabão na caixa. Levará muito tempo até poderemos fazer mais sabão.

Finalmente estavam prontos para partir. Os pais sentaram-se na boléia; Tommy e Betsy acomodaram-se em cima do colchão de penas, estendido sobre todos os suprimentos amontoados no fundo do carroção. A velha Nell, amarrada ao eixo trazeiro, parecia conformada com sua sina de caminhar, acompanhando o passo da parelha de bois.

As crianças ficaram olhando para trás, para o que sempre fora seu lar. As ovelhas continuavam no pasto. O cordeirinho de estimação ainda estava parado ao lado do portão. Betsy não conseguia ver a gatinha; esperava que estivesse dentro da casa onde ficaria aquecida. Durante todo o trajeto pelas ruas da cidade, acenavam para amigos e vizinhos que também se preparavam para partir e que os seguiriam ainda antes de o sol lançar seus últimos raios vespertinos sobre as águas congeladas do Rio Mississippi.





LÉHI

Uma História do Livro de Mórmon Narrada por Mabel Jones Gabbott

A grande cidade de Jerusalém fervilhava de excitação e boatos. Era o primeiro ano do reinado de Zedequias, rei de Judá. Tudo parecia estar indo bem; no entanto, Jeremias, o profeta do Senhor, advertiu que Jerusalém seria destruída, se o povo não se arrependesse de seus erros.

Léhi soube dessa profecia; ouvira o povo comentá-la. Lamã, seu filho mais velho, dissera: "Isto certamente não acontecerá." "Naturalmente que não," replicou Lemuel, o segundo filho. Néfi e Sam, os mais moços, nada disseram; voltavam-se para o pai, à espera de orientação.

Léhi, sua esposa Sariah e os quatro filhos haviam habitado a vida inteira na terra de Jerusalém. Era um homem muito rico, acreditando-se ter sido um comerciante e muito entendido no cultivo da videira, oliveira, figueira e produção de mel. Além disso, era pessoa instruída, tanto na língua dos judeus como na dos egípcios.

Diante do que ouvira, Léhi saiu para orar ao Senhor em favor de seu povo, e o Senhor respondeu, mostrando-lhe o que estava para acontecer. Atemorizado pelo que vira, Léhi voltou para sua casa em Jerusalém. E mais uma vez o Senhor mostrou-lhe a destruição que viria sobre o povo, os judeus, em Jerusalém, se não se arrependessem. Léhi então dirigiu-se ao povo, procurando adverti-lo, mas os judeus não quiseram ouvir. Escarneceram dele e procuraram matá-lo.

O Senhor ordenou que Léhi partisse com sua família para o deserto. Ele assim o fez, abandonando sua casa, seu ouro e prata, e outras coisas preciosas. Levou apenas a família e algumas provisões e tendas.

Após uma jornada de três dias, Léhi armou sua tenda à margem do rio de um grande vale. E ali levantou um altar de pedras para render graças ao Senhor.

Lamã e Lemuel, porém, sentiam-se irritados e diziam ao pai:

— Jerusalém não poderia ser destruída. Foi uma tolice abandonar nossa bela casa e vir para o deserto.

Léhi falou aos filhos quanto ao que sabia do que estava por acontecer. Falou com tal poder, estando tomado pelo Espírito do Senhor, que chegaram a tremer até o intimo. Não mais ousando contradizê-lo, submeteram-se às ordens do pai.

O Senhor disse a Léhi que, antes de prosseguir, deveria mandar os filhos de volta a Jerusalém, em busca dos registros sagrados de seu povo e da genealogia da família. Passado algum tempo após a partida dos filhos, Sariah temeu que estivessem perdidos. Ao vê-los voltar em segurança, alegrou-se e disse:

— Agora sei com certeza que o Senhor nos está guiando e nos protegerá.

O Senhor falou mais uma vez a Léhi, dizendo-lhe que mandasse os filhos a Jerusalém, para trazer Ismael e sua gente, tirando-os da cidade. Eles assim fizeram. Mais tarde, os filhos de Léhi casaram-se com as filhas de Ismael.

Agora Léhi havia cumprido tudo o que lhe fora ordenado. O Senhor falou-lhe durante a noite, instruindo-o a prosseguir viagem no dia seguinte. Pela manhã, ao sair da tenda, Léhi surpreendeu-se ao encontrar no chão, diante dela, um objeto em forma de esfera caprichosamente trabalhado e feito de latão. Em seu interior, havia duas agulhas, uma das quais indicava a direção que deveriam tomar. Léhi denominou esse guia ou bússola de Liahona, que significa "o Senhor é o guia". A Liahona indicava as direções que levavam às partes mais favoráveis do deserto. Quando a família necessitava de alimento, Léhi rogava ao Senhor e recebia instruções, miraculosamente escritas na esfera, sobre onde encontrá-lo. A Liahona os guiava e instruía por serem humildes e terem colocado sua fé no Senhor, e assim, Léhi conduziu sua família para a terra da promessa.

Madalena, as roupas metidas debaixo do braço, desceu as escadas correndo e entrou na cozinha, onde a mãe preparava o desjejum. A mãe levantou os olhos para dar-lhe bom-dia, mas, ao reparar na palidez e emoção da garotinha, apenas perguntou:

— O que aconteceu? Você está-se sentindo mal?

— Não, — respondeu Madalena, sem conseguir de momento dizer mais nada. Deixou-se cair numa cadeira, parecendo absorvida no tapete tecido debaixo de seus pés. Imaginava como poderia traduzir em palavras o estranho sonho que acabara de ter, e o

que a mãe pensaria, se o fizesse.

Pareceu-lhe em sonho que ela era uma moça, sentada sobre estreita faixa de grama ao lado do vinhedo, ocupada em cuidar que as cabras não o invadissem e comessem os rebentos, enquanto dava uma olhadela no livro da Escola Dominical em seu colo. Erguendo os olhos, sobressaltou-se ao ver três homens estranhos.

Ao recordar-se, Madalena estremeceu de medo, exatamente como acontecera no sonho. Mas quase que no mesmo instante, veio-lhe uma sensação de paz, que a engolfou, quando um dos homens disse:

“Não se assuste. Viemos de um lugar muito distante, a fim de falar-lhe do verdadeiro Evangelho eterno.”

Então os homens contaram como um anjo havia levado um rapaz a encontrar um importante livro de ouro escondido na terra. Disseram que algum dia, ela, Madalena, iria ler esse livro e por causa dele, aceitar prazerosamente uma nova religião e suportar muitas dificuldades.

Ali na cozinha aquecida e cheirosa, Madalena revivia o sonho, e este pareceu-lhe tão real, que voltou a ficar pálida e sentiu calafrios. O pai, tendo ordenhado as cabras, entrou

O Sonho de Madalena

Ilustrado por Ron Crosby



na cozinha e perguntou o mesmo que a mãe:

— O que aconteceu? Você está doente?

A menina pôde apenas sacudir a cabeça. O pai, então, agachou-se mansamente ao lado dela, pegou-lhe uma das meias, e sem mais palavras, ajudou a filha a terminar de vestir-se. Em seguida, tomou-a no colo e perguntou calmamente:

— Você não quer contar o que foi?

Madalena fez que sim. Foi duro encontrar as primeiras palavras, mas depois elas pareciam atropelar-se, na ânsia de ser pronunciadas. A mãe

largou os preparativos para o simples desjejum de figos, batatas e leite de cabra, a fim de não perder nenhum dos surpreendentes detalhes do sonho. O pai escutava com atenção, ocasionalmente abanando a cabeça como se entendesse mais do que estava sendo dito.

Naquela noite, quando a família se reuniu para as orações vespertinas, ele tornou a contar por que eles viviam naquela minúscula vila, bem no alto e ao norte dos Alpes Italianos. Há muitas gerações, seus antepassados tinham seu lar nos belos vales aos pés daquelas altas montanhas. Ali o povo levava uma vida simples mas feliz, guiando-se em todas as coisas pelos ensinamentos dos apóstolos que viveram nos tempos de Cristo. Os **vaudois**¹ ou valdenses, como eram conhecidos os habitantes dos vales alpinos, chegavam mesmo a enviar missionários a outras terras, onde iam pregar de dois em dois. Muita gente foi por eles convertida à sua fé.

A notícia de seus sucessos alcançou Roma, provocando a ordem de que deviam desistir de sua igreja e aceitar os preceitos da grande igreja governante de Roma. A isso, eles se recusaram, e na verdade, passaram a se apegar com fé ainda maior aos ensinamentos e autoridade do Novo Testamento, conforme lhes haviam sido transmitidos.

Enraivecido, o Papa Inocêncio VIII ordenou uma cruzada

geral para a exterminação de todos os membros da seita valdense. Logo os pacíficos vales em que viviam encheram-se de tragédia e destruição. Seria difícil encontrar uma pedra que não marcasse uma cena de morte. Os sobreviventes foram escorraçados de suas casas, e retiraram-se mais e mais para o alto das íngremes montanhas.

Os longos anos de indiscriminável sofrimento resultaram na morte da maior parte desse povo, restando somente uns trezentos membros da seita valdense, que se estabeleceram nos vales alpinos do Piemonte. Seus vilarejos pareciam agarrar-se às encostas escarpadas, rodeados de inacessíveis penhascos alcantilados.

Era difícil tirar daquela terra o necessário para viver. Todas as primaveras, mulheres e crianças desciam as íngremes montanhas a fim de carregar, em cestos, de volta aos parques campos e hortas em terraços, a terra levada pelos temporais de inverno. Mas entre aqueles picos escarpados estavam bastante isolados, e erguiam as mãos aos céus, jurando solenemente defender seu lar e sua religião até a morte, como já o haviam feito seus pais.

A família de Madalena ouviu a história inúmeras vezes, mas nunca se cansava de recordar tais fatos. Mesmo as crianças ainda bem pequenas emocionavam-se com a coragem de seus antepassados altos e fortes. As maiores costumavam expressar sua gratidão pelo lar e sua igreja com o lema: "A Luz Resplandece nas Trevas."

1. Vaudois ou valdenses — Seita de dissidentes cristãos nascida no sul da França, nos fins do século XII, sob a liderança de Pedro Valdes, e que no século XVI adotou a doutrina calvinista.
2. Inocêncio VIII (Giovanni Battista Cibo) — Nasceu na Itália em 1432, e morreu em 1492.

Naquela noite, muito depois de todos estarem dormindo, Madalena continuou ouvir o murmúrio das vozes dos pais. A última coisa de que se lembrou antes de pegar no sono, foi ouvir a mãe insistindo:

— Mas nós já temos o Evangelho verdadeiro, de modo que a história de Madalena não poderia ter nenhum sentido real.

Madalena não ouviu a resposta do pai, mas, de vez em quando, no decorrer dos anos, ele voltava a interrogá-la, a respeito do seu sonho. Embora



alguns dos pormenores estivessem quase esquecidos por ela, nunca se tornaram vagos para o pai.

Cerca de oito anos depois do sonho de Madalena, o rei da Sardenha, pressionado pela Inglaterra e outros países a cessar a perseguição aos protestantes piemonteses, concedeu liberdade religiosa àqueles súditos. Em fevereiro de 1948, terminou a trágica luta de oitocentos anos.

Exatamente um ano depois, Lorenzo Snow, que mais tarde veio a ser o quinto presidente da Igreja, foi encarregado de abrir uma missão na Itália. No entanto, ele e seus dois companheiros não conseguiram encontrar nenhum interessado na mensagem que traziam. Desencorajado, escreveu: "Não vejo como realizar nosso objetivo. Tudo é treva."

No dia 18 de setembro de 1850, Lorenzo Snow e seus dois companheiros escalaram uma alta montanha na região setentrional da Itália onde, postados sobre enorme rochedo ressaltante, ofereceram fervorosa prece, implorando orientação. Foram então inspirados a dedicar aquela terra para a pregação do Evangelho; ao rochedo sobre o qual se postavam, chamaram de a "Pedra da Profecia".

Antes de descer da montanha, os missionários entoaram "O Hino dos Montanheseis Vaudois em Tempos de Perseguição", cuja melodia inúmeras vezes se derramara pelos vales vindo de lapas e fendas lá no alto das rochas, onde os perseguidos buscavam refúgio. Havia sido o grito de guerra, quando os valdenses pegaram em armas para fortificar os passos de acesso às suas montanhas. Fora cantado em ação de graças nos serviços religiosos. Agora, aqueles três missionários, de pé sobre a "Pedra da Profecia", entoavam as vibrantes estrofes:

Por teus dons louvor cantamos, ó Deus, eterno Pai;

Ó montanhas verdejantes, ao excelso Deus saudai!

Não muito depois, numa tarde de sábado, o pai de Madalena chegou em casa mais ce-

do de seu trabalho de construir uma lareira para um seu vizinho. Contou à família que três estrangeiros viriam trazer-lhes importante mensagem, acrescentando:

— Preciso vestir minha melhor roupa para recebê-los.

Encontrou os homens que procurava no domingo de manhã, convidando-os que o acompanhassem à sua casa. Enquanto caminhavam subindo pelos caminhos tortuosos e venciam as estreitas e perigosas passagens das gargantas, contou-lhes o sonho da filha há muitos anos passados.

Ao chegarem à pequena casa de pedra, encontraram Madalena sentada numa estreita faixa de grama perto do vinhedo. Erguendo o olhar do livro da Escola Dominical que estava lendo, deu com os três homens estranhos. Eles disseram-lhe que haviam vindo para trazer-lhes a mensagem contida num maravilhoso livro de ouro que havia sido tirado da terra e que ela agora poderia lê-lo.

Naquela noite, os vizinhos de Madalena vieram todos para ouvir a mensagem dos forasteiros. Alguns deles acharam-na tão incomum e emocionante, que ficaram acordados a noite inteira, a fim de aprender mais acerca das verdades recém-reveladas, trazidas pelos missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Em outubro de 1850, foram feitos alguns batismos. Ao todo, vinte famílias acabaram aceitando o Evangelho e, com a realização do sonho de Madalena, a região valdense tornou-se na verdade "A Luz (que) Resplandece nas Trevas".

Como o Espírito Santo pode Ajudá-los

S. Dilworth Young

Recordando a caminhada de uma longa vida, lembro-me de certos incidentes, em que relamente escapei da morte por um triz, e que começaram numa idade bastante precoce.



Uma manhã, quando eu tinha aproximadamente onze anos, meu irmão, um primo, mais outro garoto e eu estávamos de pé na borda superior do **Salt Lake's City Creek Canyon**. Aquele garoto tinha uma pequena pistola calibre 22, e mostrava-nos como **Buffalo Bill** costumava atirar, elevando a arma e depois descendo o braço vagarosamente e acionando o gatilho, quando estivesse na horizontal. De súbito, senti a mão esquerda ficar dormente e voltando os olhos, vi uma mancha vermelha formando-se na manga da minha camisa, à altura do biceps. A mancha de sangue aumentava. Gritei: "Levei um tiro" e corri para casa.

A bala perfurara completamente o braço, sem atingir o osso ou qualquer artéria. Eu estava bem à esquerda do grupo, e o rapaz da arma na ponta direita. A bala passou diante do meu tórax, na altura exata do coração e bastante próxima, pois do contrário, não poderia ter atingido meu braço. Se aquela arma estivesse voltada um meio centímetro mais para a esquerda, eu não estaria aqui!



Desde aí, tenho pensado no que foi que me protegeu. Não pretendo ser um homem marcado para proteção, mas creio que naquele momento, eu fui protegido.

Um outro incidente ocorreu quando tinha vinte e nove anos. Alguns colegas e eu havíamos escalado o Pico Longs, no Colorado, num claro dia de setembro. O Pico Longs eleva-se a 4.345 m, e nessa altitude, a gente consegue só dar três ou quatro passos antes de ser obrigado a parar por alguns minutos, a fim de recobrar a força necessária para outros três ou quatro passos.

Chegamos ao cume pelo meio da tarde. Dali, pude ver uma aresta que parecia começar uns trezentos e tantos metros abaixo e que reduziria à metade o nosso tempo de descida. Desprezando as advertências dos companheiros, comecei a descida pela face norte da montanha. Após ter deslizado perto de duzentos metros topei com um banco de puro gelo, formado pela tempestade da noite anterior. Procurei contorná-lo pela esquerda, encontrando uma parede a prumo de centenas de metros. Minha única saída daquela enrascada seria voltar ao topo. Não vou descrever os perigos da minha volta, mas o mesmo trajeto que mais cedo naquele mesmo dia, e por caminho bem mais fácil, exigira umas duas horas, eu fiz em trinta minutos, sem parar uma única vez para recobrar o fôlego, e sem que



Ilustrado por William Whittaker

as pernas ficassem dormentes. De onde me vieram as forças? Adrenalina? Alguns podem achar que sim, porém aquela foi uma força inteiramente diferente e que não veio de mim.

Naquela tarde, aprendi mais uma lição. Enquanto me esforçava por chegar novamente ao cume, podia ouvir o assobio de um dos companheiros. Ao chegar lá, encontrei Golden Kilburn; os outros haviam iniciado a descida, mas ele — embora pondo em jogo a própria segurança — esperara por mim, achando que não devia partir antes de eu voltar.

Descemos juntos, conseguindo alcançar ao escurecer a parte mais fácil e segura da trilha. Se nos tivéssemos atrasado um pouco mais, teríamos ficado presos a mais ou menos quatro mil metros de altitude, sem agasalhos adequados. Tenho procurado imaginar o que teria sido pior, morrer congelado ou despencar uns novecentos metros do penhasco. Também andei refletindo sobre a força estranha e desconhecida que, por breves trinta minutos, permitiu-me superar os efeitos da altitude.

Outro incidente se deu no inverno de 1946-47, quando eu tinha quarenta e nove anos. Minha mulher e eu estávamos a caminho do México para o funeral de seu irmão. Saímos de Cortez, Colorado, às vinte e uma e trinta, tomando o rumo sul para Gallup, no Novo México. Fazia um frio cortante. Naquela noite, a temperatura chegou a atingir dez graus abaixo de zero.

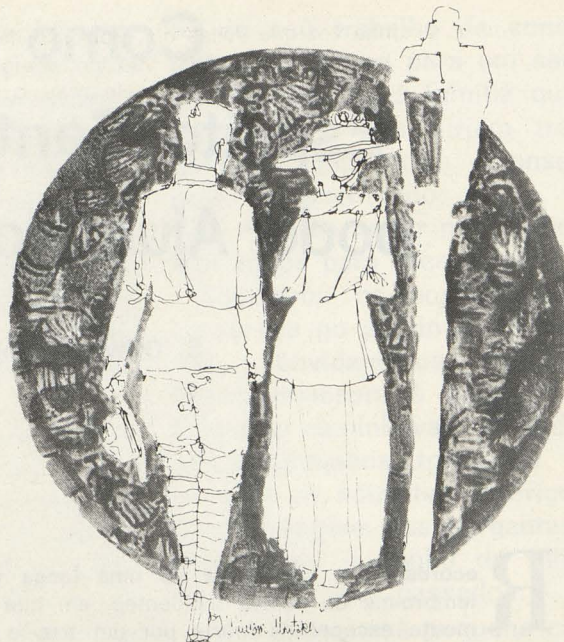
Soprava um forte vento contrário que levantava redemoinhos de neve na estrada, prejudicando a visão e tornando difícil dirigir. Como o carro não tinha aquecimento, estávamos literalmente enrolados em acolchoados. Devíamos estar rodando a uns oitenta quilômetros horários, quando, subitamente, surgiram da escuridão e nuvens de neve, dois cavalos, cruzando a estrada da direita para a esquerda. Sem pensar — pois não houve tempo para tal — minhas mãos giraram a direção para a esquerda. Num segundo, achávamo-nos na extrema esquerda da estrada, com duas rodas sobre a faixa de acostamento. Ao passarmos zunindo pelos animais, o cavalo da frente jogou a cabeça para cima e para trás e quase raspamos seu focinho. Noutra fração de segundo, estávamos de volta à nossa pista. Não me lembro de nenhum pensamento que me fizesse girar a direção o bastante para evitar os animais, mas não o suficiente para nos fazer cair no fosso ao lado da estrada. Sei que naquele momento não fui eu que estava dirigindo.

Houve ainda outras vezes. É verdade que para alguns, todas elas têm uma explicação. Nelas não há nada de abertamente miraculoso. E, no entanto, em cada uma dessas vezes, eu poderia ter-me saído mal, sem a protetora providência.

Tenho ouvido e lido de pessoas que ouviram uma voz e obedeceram ao que esta dizia. Creio nessas experiências, ainda que nunca tenha ouvido essa voz falar-me audivelmente.

Uma vez, lendo o Livro de Mórmon, cheguei ao trecho em que Lamã e Lemuel procuraram matar Néfi. Vocês não de se lembrar que este, ao censurá-los, disse:

"Haveis visto um anjo, que vos falou; sim, haveis ouvido sua voz de quando em quando; e ele vos falou



numa voz mansa e delicada, porém havíeis perdido a sensibilidade de modo que não pudestes perceber suas palavras; portanto falou-vos ele com voz de trovão, o que fez tremer a terra como se estivesse para fender-se." (1 Néfi 17:45: Grifos nossos).

Acho que já havia lido essa passagem uma dúzia de vezes, ou mais, durante a minha vida, sempre considerando-a apenas uma enumeração de coisas acontecidas para lembrar àqueles moços rebeldes que já haviam recebido testemunhos.

Naquele dia em particular que mencionei, minha mente iluminou-se, parecendo ser penetrada por uma grande luz. Então, pude entender que Néfi estava esclarecendo a maneira pela qual o Espírito Santo nos inspira. A "voz mansa e delicada", "perdido a sensibilidade", "não pudestes perceber suas palavras" — aí está! Quando somos inspirados, nossos pensamentos são acompanhados de uma certa sensação confirmadora. A gente aprende a reconhecer e entender que o Espírito Santo presta testemunho. Ele fala com voz suave e mansa — mas nem sempre por meio de palavras.

Quando adolescente, perguntava a mim mesmo como seria ouvir a voz do Senhor. Achava que Moisés, Isaías, João Batista e especialmente Joseph Smith haviam sido extremamente favorecidos, e desejava poder ouvi-la também. Eu não estava sendo sacrílego; era um desejo honesto e sincero. Sabia muito bem que, a não ser que tivesse um chamado especial que o requeresse, o Senhor não me favoreceria com sua atenção pessoal. São muito raras as vozes do céu nos registros da história.

A resposta a tal desejo foi tão dramática, quanto a recebida a respeito de Néfi e seus irmãos. Certo dia, uns dez anos passados (quando eu tinha sessenta e quatro anos), estava lendo a seção 18 de Doutrina e Convênios, e encontrei estas palavras:

"Estas palavras são, não de homens ou de um homem, mas minhas; portanto, vós testificareis que são minhas e não de homem;

"Pois é a minha voz que vo-las diz; pois são dadas pelo meu Espírito, e pelo meu poder vós as podeis ler uns para os outros e, se não fosse pelo meu poder, não as poderíeis ter;

"Portanto, podeis testificar que ouvistes a minha voz, e conheceis as minhas palavras." (D&C 18:34-36).

Aqui o Senhor estava dizendo aos apóstolos, cinco anos antes da organização do quorum, que ao lerem suas palavras, estariam ouvindo a sua voz. Era como que os céus se abrissem, e tudo que já fora dado a qualquer dos profetas que deixou registros escritos fosse revelado. Desde aí, o livro de Doutrina e Convênios adquiriu um novo sentido para mim. Não só leio, como ouço a voz do Senhor soando clara dentro do meu coração. Eu sempre lera e apreciara a natureza inspirada desse grande livro. Mas agora, as coisas são diferentes. Agora o leio com assombro e reverência.

Por que essa compreensão não me veio aos dezesseis? Não esperem até terem sessenta anos para entender esse fato. O desejo sincero e o Espírito Santo podem dar-lhes a capacidade de ouvir a voz do Senhor, toda vez que apreendem uma de suas revelações.

Aprendi ainda outro princípio importante demasiadamente tarde. Vou repeti-lo, para que lhes possa ser



de alguma utilidade. A lição começou há cinquenta e três anos, quando servia como soldado na I Guerra Mundial. Depois do armistício, nosso regimento organizou um time de futebol americano, enquanto aguardávamos nossa vez de partir para casa. Visto que eu jogava no time, fui dispensado dos exercícios de instrução, trabalhos braçais e disciplina geral. Os jogadores também tinham licença de ir a Bordéus, a cidade mais próxima, a qualquer hora.

Numa dessas idas à cidade, eu admirara uma conhecida pintura pertencente a uma das catedrais. O quadro representava o Senhor levantando Lázaro dos mortos, verdadeira obra-prima de uns 2,5 m por 4,5 m. Nunca me cansava de ficar olhando. Em seguida, fui até a Associação Cristã de Moços, onde escrevi algumas cartas, e finalmente à praça, onde o caminhão nos iria pegar para voltarmos ao acampamento.

Postado à sombra de um prédio, vi outro jogador chegar e ficar esperando pela condução, debaixo de um poste cuja lâmpada pouco iluminava. Logo apareceu uma garota francesa e o abordou. Ele não falava francês, mas a linguagem usada por ela é universal. Depois de olhar para todos os lados e não vendo ninguém, o rapaz acompanhou a moça.

Mais tarde, chegamos juntos à Cidade de Lago Salgado, depois de receber baixa do serviço militar. Então vi uma mulher, obviamente a esposa daquele homem, correr para cumprimentá-lo e colocar um bebê em seus braços. Ao ficar ali observando-o olhar seu filho pela primeira vez, fiquei a imaginar o que estaria pensando. E continua fazendo o mesmo.

Isto foi em janeiro de 1919, cinquenta e dois anos atrás. Há cinco anos mais ou menos, eu contava este mesmo caso, salientando a moral óbvia de que "o salário do pecado é a morte" — a morte do espírito, pelo menos.

E de repente, enquanto falava, veio-me um pensamento: Se eu tivesse saído das sombras e me reunido a ele, ou chamasse seu nome ou o fizesse notar de outra forma qualquer que eu estava ali, talvez ele não tivesse acompanhado aquela moça. Com um simples ato, eu poderia tê-lo salvo, só que isto não me ocorreu então. Desde que me veio esse pensamento, já não penso tão bem a meu respeito.

Quantas ocasiões terá havido em minha vida nas quais uma palavra, um gesto, um aparecimento talvez tivessem mudado o rumo de alguém, colocando-o no caminho certo? Quantas vezes vocês poderiam ter ajudado?

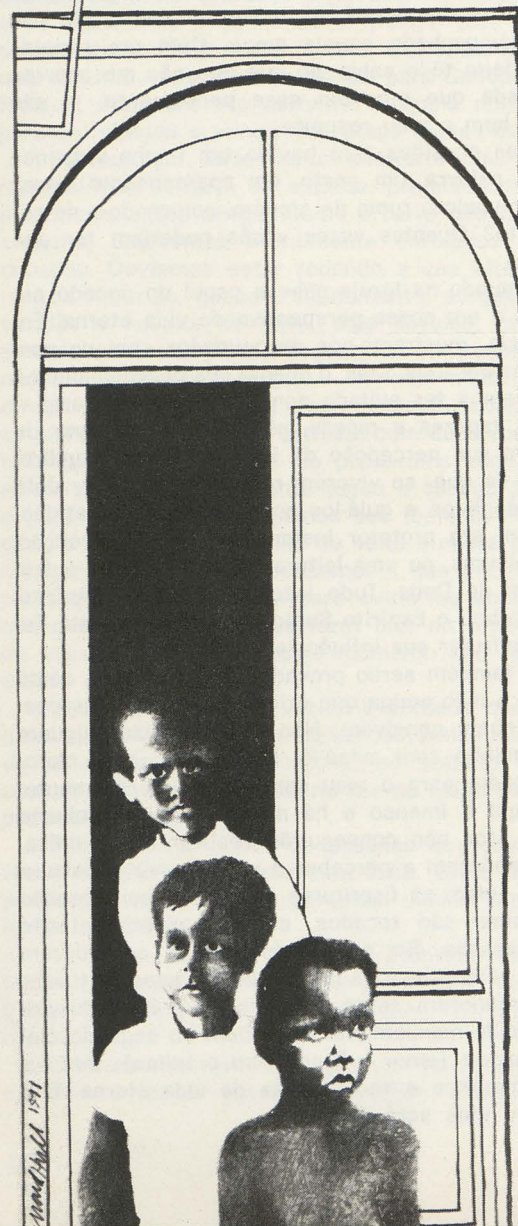
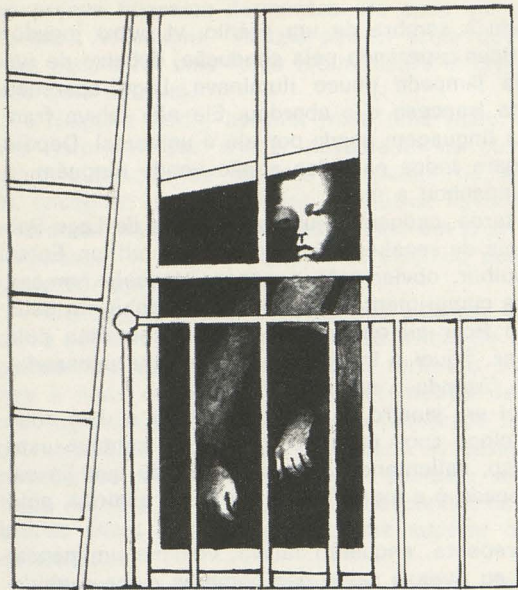
Todo mundo na Igreja sabe o papel do pecado em nossa vida e em nossa perspectiva de vida eterna. Em consequência, mostramo-nos preocupados com os nossos próprios pecados. Mas, e quanto aos pecados alheios que poderíamos ter evitado com uma palavra clara?

Vocês, rapazes e moças, não poderão escapar de por à prova sua percepção do Espírito Santo. Lembrem-se, porém, de que, se viverem retamente, o poder dele poderá protegê-los e guiá-los aos caminhos da retidão.

Seja um ato protetor instantâneo, uma percepção de suas palavras, ou uma leitura na qual se ouve a sua voz, provém de Deus. Tudo isso são dons do Espírito a quem recebeu o Espírito Santo no batismo e está decidido a desfrutar sua influência.

Vocês também serão provados a respeito de como estenderão a mão amiga que orienta ou adverte às pessoas com quem convivem. Não é bom deixar alguém errar o caminho sem avisá-lo. Muito pior, está claro, é levar alguém para o mau caminho deliberadamente.

O campo é imenso e há muito a ser descoberto por vocês. Mas não conseguirão realizar muita coisa, se não aprenderem a perceber a voz e ouvir a palavra do Senhor. Leiam as Escrituras — quando seu coração e a sua alma são tocados, estarão experimentando essas promessas. Se experimentarem e aprenderem esses dons perceptivos, já nos primeiros anos de juventude, e aprenderem sobre a aplicação prática do primeiro e grande mandamento e também do segundo, semelhante aquele (amor a Deus e ao próximo), terão a sublime esperança e recompensa da vida eterna. E a vida sempre lhes será bela.



A Questão dos Problemas Sociais de Hoje

Há pouco tempo, certo professor de Escola Dominical recebeu uma carta de um de seus ex-alunos, então estudando numa universidade longe de casa. O problema exposto por ele é apresentado, de uma ou outra forma, a todo professor da Igreja.

Aparentemente aquele aluno havia-se convertido, ou pelo menos, fora batizado na Igreja uns três anos antes, mas agora chegara à conclusão de que, embora os membros da Igreja professassem acreditar em Cristo e no amor aos semelhantes, tais crenças não se transformam em ação.

Ele mencionava especificamente a falta de apoio aos atuais movimentos para remediar as condições de vida dos pobres, e a falta de contribuição com os recursos da Igreja em prol dos desempregados, das minorias necessitadas e dos desabrigados pelas guerras.

Sem dúvida, a Igreja de Jesus Cristo tem de preocupar-se com esses problemas sociais, e os cuidados desse jovem são elogiáveis. Seu espírito merece ser guiado e não "arrasado".

Quase todos nós preocupamo-nos com esses mesmos problemas, principalmente os líderes da Igreja. Não resta dúvida de que as condições sociais do mundo não são como gostaríamos de que fossem; porém, o verdadeiro ponto crucial do problema é decidir o que deveria ser feito para melhorá-las. Ou mais especificamente, o que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias deveria fazer a respeito?

Para responder a esta pergunta, seria conveniente examinarmos como Jesus enfrentou tais problemas durante seu ministério terreno e o que mandou que seus profetas fizessem nos tempos atuais.

Os problemas sociais de nossos dias não são únicos. Na época em que Jesus nasceu, o mundo também estava sendo assediado por sérios problemas sociais. Na Palestina, existia então enorme abismo entre ricos e pobres; havia pedintes em todas as cidades e aldeias, e campeavam as enfermidades. Os nativos da Palestina haviam sido escravizados pelos senhores romanos; a gatunagem e o banditismo imperavam em larga es-

... embora os membros da Igreja professassem acreditar em C

William H. Bennett

Ilustrado por Richard Hull

cala. A história do bom samaritano, envolvendo o brutal ataque a um viajante solitário, poderia ter sido tirada de inúmeros incidentes reais. Ninguém ousava andar desarmado durante a noite. Até mesmo os apóstolos do Senhor às vezes levavam armas, como evidencia o relato do ocorrido em Getsêmani.

Havia movimentos políticos organizados visando remediar as coisas, conseguir igualdade, quebrar o jugo da servidão e aliviar a fome. Os membros de um desses grupos tornaram-se particularmente belicosos, procurando atingir **seus** objetivos pela revolução. Este grupo, os "zelotes", pensava perceber em Jesus o líder que procuravam, chegando a oferecer-lhe uma coroa, conforme contam os registros. Ele estava então no auge da popularidade, mas, quando rejeitou tal movimento como solução para os males sociais, o povo o abandonou. "Então Jesus disse aos doze: Quereis vós também retirar-vos?" A resposta de Pedro é clássica: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna." (João 6:67-68).

Jesus tinha o poder de aliviar a fome. Ele acabara de alimentar os cinco mil que pareciam buscar a sua palavra, e haviam-no seguido até a outra banda do Mar da Galiléia, a fim de estarem junto dele. Mas a solução não era pão, nem roupas, nem casas; ela estava bem no fundo do coração dos homens.

Ele, que mais profundamente sentia a desumanidade entre os homens, que sempre tinha tempo para o mais humilde dos humildes, sabia que o homem não pode elevar-se acima de seus pensamentos, de sua filosofia de vida, da compreensão de seu propósito e de seu relacionamento com Todo-poderoso. São estas coisas que determinam a estatura do homem.

Por isso, Jesus dedicou-se ao ensino das verdades do Evangelho, ao estabelecimento de uma igreja com apóstolos, e setentas para ensinar e batizar. Ele sabia que a modificação do indivíduo provocaria a modificação da sociedade, que a mudança do indivíduo resultaria na mudança de seu espírito, e que esta provinha da aceitação de Deus e seus mandamentos.

Qual foi o resultado? Todos os movimentos polí-

ticos e sociais dos homens acabaram dando em nada, mas o Evangelho de Jesus Cristo transformou os que o abraçaram. Diz-nos a Bíblia a respeito da Igreja:

"E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns.

"E os apóstolos davam com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e tem todos eles haviam abundante graça.

"Não havia pois entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos.

"E repartia-se por cada um, segundo a necessidade que cada um tinha." (Atos 4:32-35).

A transformação ocorrida, mesmo naqueles que tinham apenas parte do Evangelho, é descrita por Justino Mártir², que viveu no segundo século da era cristã.

"Nós, que antes éramos escravos da luxúria, agora só encontramos deleite na moral pura; nós, que antes éramos dados às artes da magia, consagramo-nos ao Eterno e Bom Deus; nós, que antes prezávamos o ganho acima de tudo, damos mesmo o que temos para o uso comum e o partilhamos com os necessitados; nós, que antes nos odiávamos e matávamos uns aos outros, que devido às diferenças de costumes não queríamos ter nada a ver com os estranhos, agora, desde a aparição de Cristo, vivemos juntos com eles; oramos por nossos inimigos; procuramos convencer os que nos odeiam sem motivo, a fim de que possam pautar sua vida pela gloriosa doutrina de Cristo e apegar-se à jubilosa esperança de receber de Deus, o Senhor Supremo, as mesmas bênçãos que nós." (Augusta Neander, **History of the Christian Religion and Church**, (Boston: H. P. Houghton and Co., 1871, vol. 1, p. 250).

No Livro de Mórmon, encontramos um exemplo clássico de como o Evangelho do Mestre provou-se mais poderoso do que qualquer outra força, para curar os males do homem.

Chegando à conclusão de que o governo dirigido

editar em Cristo e no amor aos semelhantes, tais crenças não se transformam em ação.

A Questão dos Problemas Sociais de Hoje

por ele era impotente, por meio da legislação ou éditos governamentais, a reduzir a criminalidade e as desigualdades entre o seu povo, Alma deixou seu posto de líder como juiz supremo e pôs-se a tentar modificar sua gente pelo trabalho missionário, tratando de indivíduo a indivíduo.

"Ora, como a prédica da palavra fazia com que o povo tivesse uma grande tendência para praticar o que era justo — sim, produzia mais efeito sobre as almas do povo do que a espada ou qualquer outra coisa que lhes houvesse acontecido — Alma pensou que seria aconselhável experimentar a virtude da palavra de Deus." (Alma 31:5).

E realmente deu certo. Comunidade após comunidade converteu-se à retidão.

No período aureo que se seguiu à aparição de Cristo no continente americano, o efeito dos ensinamentos do Evangelho refletiu-se no seguinte:

"E tinham todas as coisas em comum; portanto, não havia ricos nem pobres, escravos nem livres, mas eram todos livres e participantes do dom celestial.

"E não havia invejas, nem disputas, nem tumultos, nem devassidão, nem mentiras, nem assassinios, nem nenhuma espécie da lascívia; e sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus," (IV Néfi 3, 16).

Em nossos dias, a Igreja proclama que a solução para os males sociais é encontrada em seus programas e nos princípios que neles são ensinados. Não tem havido nenhuma omissão quanto ao bem da humanidade; antes uma preocupação mais elevada. Notem o espírito do Evangelho nestas palavras:

"Lembra-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus;

"Pois, eis que o Senhor vosso Redentor padeceu a morte na carne; portanto, sofreu a dor de todos os homens, para que todos pudessem arrepende-se e vir a ele.

"E ressuscitou outra vez dentre os mortos, para que pudesse trazer a si todos os homens, sob condição de arrependimento.

"E como se alegra ele com a alma que se arrepende!

"Portanto, sois chamados para proclamar arrependimento a este povo.

"E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

"E agora, se a vossa alegria for grande com uma só alma que trouxerdes a mim no reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria se me trouxerdes muitas almas!" (D&C 18:10-16).

A Igreja tem resolvido os problemas materiais de seus membros através de vários planos econômicos: a lei da consagração de propriedades, a Ordem Unida, o programa de jejum, o programa de bem-estar. Nenhum de seus membros precisa sofrer fome ou necessidade, se for fiel e diligente.

Tampouco tem sido negada ajuda em forma de alimentos aos que não pertencem à Igreja. Ela tem sido sempre uma das primeiras a oferecer auxílio a inúmeros povos infelizmente atingidos por calamidades como terremotos, incêndios e inundações. Tais auxílios têm sido prestados sem alarde, embora fossem substanciais e tenham ajudado em muito as populações atingidas. Mas isto são ajudas temporárias que não devemos negar aos nossos semelhantes. Porém, não se pode auxiliar um homem permanentemente, sem se efetuar nele uma mudança em sua atitude para com Deus e o homem.

A Igreja está primordialmente interessada no indivíduo, no seu modo de pensar e em seu respeito próprio. Ela não apenas converte os homens a Cristo, mas tem um programa que transforma a crença em ação, primeiro para efetuar uma mudança no próprio converso, e depois para utilizar seu entusiasmo e energias na divulgação aos outros de sua recém descoberta maneira de viver.

Sim, existe na Igreja preocupação pelos desprovidos dos confortos da vida, pelas vítimas da injustiça social, pelos enfermos e aflitos. Mas há um remédio — e está sendo pregado a todos os homens, oferecido à humanidade inteira, basta que queiram vir a Jesus. O jovem tão preocupado em estender a mão auxiliadora, deveria ler novamente as palavras do Salvador dirigidas a John Whitmer³, que desejava saber como melhor empregar sua vida:

"E agora, eis que te digo que a coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que possas trazer almas a mim e descansar com elas no reino de meu Pai." (D&C 15:6).

1. Zelotes — Paladinos fanáticos do modo de vida tradicional dos judeus e adversários do governo romano.
2. Justino Mártir — Mártir cristão que abraçou a fé cristã sem abandonar o platonismo. 100-165).
3. John Whitmer (1802-1829) — Auxiliou, como escrevente, na tradução do Livro de Mórmon; foi uma de suas oito testemunhas.

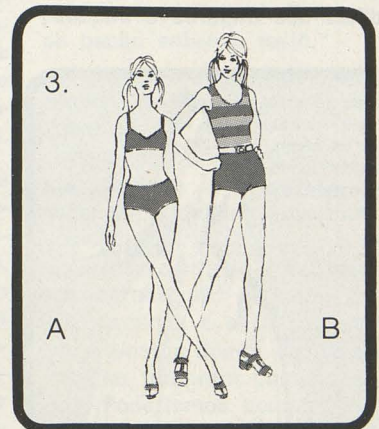
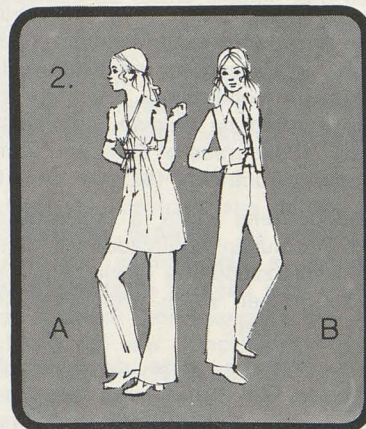
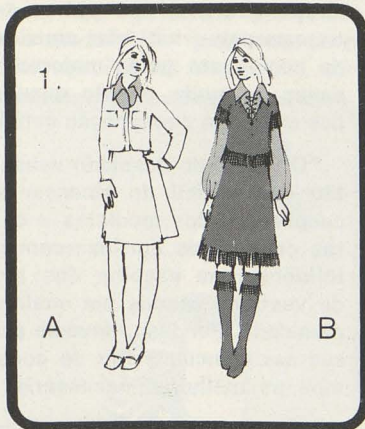


MODA E RELIGIÃO

Um teste para as garotas

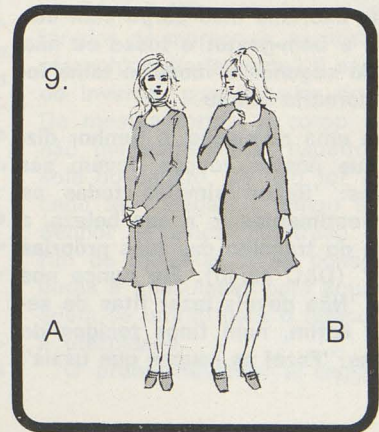
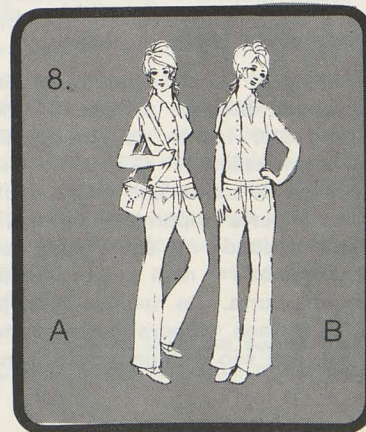
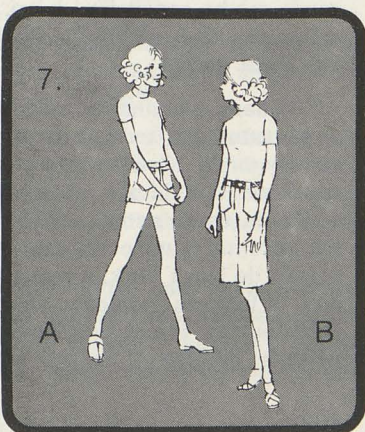
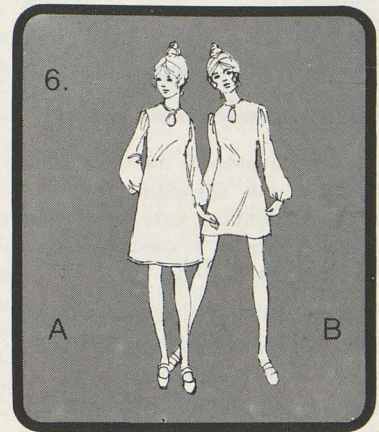
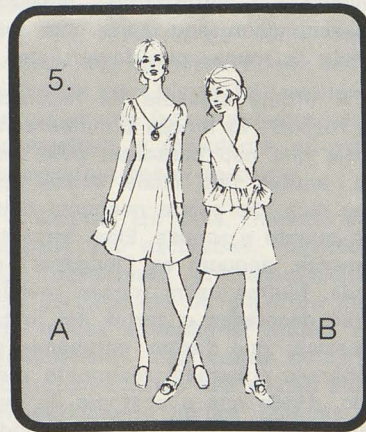
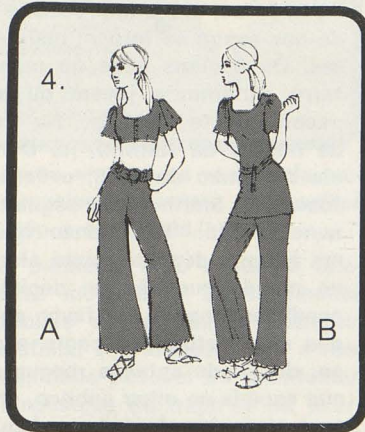
Peggy Hawkins

(Escolha um de cada par.)



Escolha um para ir à Igreja.

E que tal para um programa esportivo?



Antes de decidir se você realmente sabe efetuar compras sensatas, vejamos o que três presidentes e profetas da Igreja têm a dizer sobre roupas, adornos, moda e modéstia. Eis o que Brigham Young, segundo presidente da Igreja, pensava do assunto:

“As filhas de Israel devem saber que moda escolher e usar, sem adotar idéias dos impuros e iníquos.

“Criaí vossa própria moda, e fazer roupas que vos agradem, independentemente de influências externas.”
— Brigham Young.



“Criaí vossa própria moda, e fazei roupas que vos agradem, independentemente de influências externas; e fazei vossos chapéus e toucados para que vos resguardeis do sol...

“Sinto-me envergonhado ao ver os vestidos justos — de ver a forma do corpo das senhoras...

“Se eu fosse mulher e tivesse um pedaço de pano para confeccionar um vestido, eu o talharia de maneira que cobrisse meu corpo com elegância e bom-gosto; e fosse ou não cortado segundo a moda, o talhe logo o tornaria bonito...

“Em uma revelação, o Senhor diz-nos que nossas roupas devem ser simples: ‘Sejam simples todas as tuas vestimentas, e a sua beleza, a beleza do trabalho das tuas próprias mãos.’ (D&C 42:40). Ele nunca nos disse: ‘Não deveis fazer fitas de seda ou cetim, nem finos tecidos de lã,’ mas: ‘Fazei as roupas que usais’.

Se não as produzirmos, logo não estaremos mais em condições de adquiri-las...

“Por outro lado, gostaria de dizer-vos, senhoras, quando pedimos que encurteis um pouco as saias, não sejais extravagantes, cortando-as tão curtas, que se podem ver o fim das meias. Fazei-as de modo que alcancem o alto dos sapatos, de modo que possais andar, sem arrastá-las pelo pó, e sem expor também vosso corpo. Usai vestidos graciosos e decentes, e conduzi-vos, no mais estrito sentido da palavra, com castidade.” Discourses of Brigham Young / Deseret Book Co., 1941, pp. 214-16)

Segue uma carta a respeito de uma resolução publicada por diversas organizações da Igreja, sob a direção de seu sexto presidente, Joseph F. Smith:

“A primeira parte da resolução aplica-se às irmãs que passaram pelo templo. Essas irmãs receberam instruções especiais por pessoas devidamente autorizadas; portanto, elas conhecem seu dever com referência às roupas que devem usar.

“A última cláusula da resolução diz respeito às moças e mulheres da Igreja que não passaram pelo templo, muitas das quais acham que para elas não existe nenhuma restrição quanto a roupas. Elas, impensadamente, seguem as “loucuras” da moda. Muitas usam roupas cavadas e tão decotadas e curtas em festas noturnas, que fazem enrubescer de embaraço o homem realmente recatado. Ainda que o costume de usar trajes desse tipo possa ser considerado próprio em certos círculos, para as filhas dos santos dos últimos dias é indecoroso vestir-se assim.

“Um traje de noite pode ser belo e assentar bem na pessoa, e ainda assim estar isento de características inconvenientes. O vestido deve ser feito de modo que cubra o ombro e a parte superior do braço; o decote redondo ou em V não deve ser exagerado e nem a saia imodestamente curta. Os tecidos transparentes e finos, embora muito bonitos em si, não são de bom gosto, a não

ser quando usados com roupa de baixo que cubra devidamente o corpo.

“Frequentemente (são) usados impróprios, trajes vespertinos de rua. Saias excessivamente curtas e exagerados decotes em V são provas de mau gosto e indicam certa falta de modéstia por parte de quem os usa. As blusas confeccionadas de ‘crepe georgete’ ou outros tecidos transparentes não são consideradas de bom gosto pelas maiores autoridades da moda, exceto quando usadas com uma combinação condizente.

“O resultado desejado nessa questão será difícil de alcançar sem a cooperação dos modistas e costureiras domésticas que exercem grande influência na escolha dos modelos de vestidos usados em qualquer comunidade. Por isso, deve-se procurar sua assistência, a fim de conseguirmos as melhoras necessárias.

“É surpreendente que muitas moças cheguem a extremos na maneira de trajar-se, sob a impressão errônea de que assim se tornam mais atraentes. Os homens bons no mundo inteiro admiram a jovem ou mulher decentemente vestida. Na reunião de líderes da AMMM, na Conferência de Junho de 1916, o Presidente Joseph F. Smith fez o seguinte pronunciamento: ‘Não penso que haja um homem decente nesta cidade ou no mundo que não se decidiria incondicionalmente em favor da moça que usa vestuário decente e gracioso, destinado antes a resguardar do que expô-la ao olhar público, em contraposição àquelas que andam pelas ruas semi despidas. Digo isto como sendo minha convicção. Julgo os homens por mim mesmo, pelo menos até certo ponto!

“Homens e mulheres responsáveis e sensatos de toda a parte estão considerando seriamente a questão da moda. Os ideais da verdadeira modéstia estão sendo revividos. Num recente reunião de senhoras na cidade de Nova York, a moda foi um dos principais tópicos abordados. Entre outras, foram expressas as seguintes opiniões: ‘Estará você —

mulher — pronta a apresentar-se ao seu Criador e ser julgada com os trajes que está usando? O exagerado decote em V da sua blusa e esta saia de garotinha, os mais importantes símbolos da moda curta atual, retratam seu caráter? Será que o vestido e o chapéu que você está usando neste momento indicam uma inteligência pensante?... As mulheres honradas deveriam fazer sua própria moda. Não queremos parecer mal vestidas ou esquisitas, mas

centímetros ou pelo corte da roupa, desde que aquilo que parece decente numa pessoa poderá não ser em outra.

“Estejam os jovens na escola, assistindo a uma reunião sacramental ou outra reunião da Igreja, em atividades esportivas, atletismo ou baile, em casa ou outro lugar qualquer, os padrões da Igreja exigem que os rapazes e as moças estejam apropriadamente vestidos. A decência é uma proteção para os jovens da Igreja e é um dos modos de o Senhor ajudá-los a viver vidas limpas e saudáveis.

“As moças devem vestir-se de modo que realçam sua beleza e feminilidade naturais. As roupas devem ser confortáveis e atraentes, sem chamar a atenção para o corpo da pessoa; por exemplo, as saias devem ter um comprimento decoroso e não precisam ser de corte muito justo. Os vestidos não devem ser muito decotados. Vestidos sem alças ou de “alcinhas” não são aceitáveis, sejam como vestidos de verão ou vestidos de noite. Poucas moças ou mulheres ficam bem de vestidos sem alças. Tais estilos frequentemente fazem a figura parecer desajeitada e corpulenta, ou exibem a estrutura óssea do corpo.

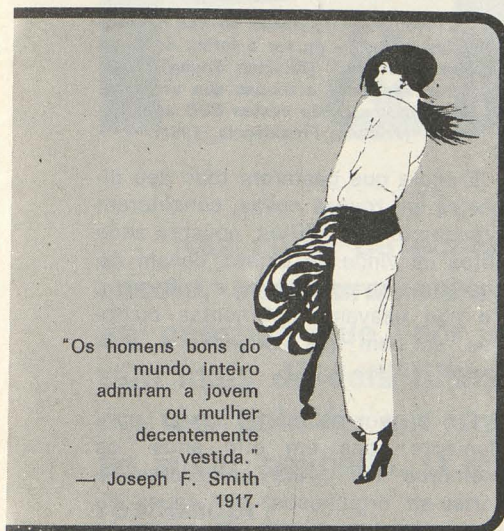
“Quando em casa, trabalhando no quintal, em excursões, viajando pelas montanhas, em acampamentos ou participando de esportes ativos, as moças e senhoras podem apropriadamente usar calças compridas. Entretanto, estas não devem ser demasiadamente justas. Calções, bermudas, “cápris” ou outros calções quaisquer que alcancem pouco acima do joelho, são aceitáveis. Naturalmente, daquelas que já passaram pelo templo, espera-se que usem roupas estilo apropriado... Qualquer vestuário que sugira roupa de casa não deve ser usado em público, mas somente no lar ou nos aposentos. Suéteres apertados e roupas que acentuam as formas, de qualquer espécie, e não são vestes SUD apropriadas.

“Qualquer traje de banho que impudicamente exponha o corpo, tais

como o biquini ou aqueles que deixam o ventre nu etc., não devem ser usados. Os trajes de natação são confeccionados para um determinado propósito e não devem ser usados como vestuário de verão, mas somente para a natação. No caminho de ida ou volta da praia ou piscina, as moças e rapazes devem estar completamente vestidos ou pelo menos usar roupões ou saídas de banho sobre o maiô.”

A moda sofreu inúmeras modificações durante o espaço de aproximadamente cento e trinta anos abrangidos por esses pronunciamentos. Embora o comprimento das saias tenha mudado no decorrer dos anos, o espírito do que os profetas disseram continua inalterado. Nossos corpos são templos de Deus. São sagrados e belos, e não devem ser expostos diante de todo mundo, para se tornarem comuns e ordinários. Poderíamos compará-lo ao traje que reservamos para ocasiões festivas — se fosse usado todos os dias, logo perderia aquele algo especial. Por que será que vocês guardam dinheiro para alguma coisa com que vêm “sonhando”, em lugar de gastá-lo em sorvetes e doces? Por que esforçar-se tanto para aprender a tocar piano, quando poderiam estar no cinema? Por que será que não há morangos o tempo todo e nem é verão o ano inteiro? O “sonho” não tem muito mais valor para vocês, quando trabalharam e economizaram para a sua concretização? Não é um prazer imenso sentar-se ao piano e saber tocar as músicas dos grandes mestres? Não é uma alegria saber que não desperdiçaram o tempo na mocidade? Não estaríamos logo enfiados de morangos, se nos fossem oferecidos diariamente? E sem o frio do inverno, qual o valor do verão? Da mesma forma, o corpo também não merecerá mais respeito que a sola do sapato, se não for resguardado até chegar o tempo certo. O Senhor tem-lhes mostrado isso, a fim de ajudá-las a se conservarem puras e imaculadas para aquele com quem se unirão para o tempo e toda a eternidade.

O pronunciamento a seguir, refe-



“Os homens bons do mundo inteiro admiram a jovem ou mulher decentemente vestida.”
— Joseph F. Smith
1917.

insistimos em que as roupas da mulher deveriam expressar seu caráter — e não a falta dele.”

“As mulheres SUD deveriam liderar esse movimento. Especialmente as oficiais devem dar o exemplo. Cada oficial e professora tem a responsabilidade pessoal de manifestar sua disposição de trajar-se de acordo com os ideais apropriados. Todas deveriam perguntar a si mesmas: Estarei, neste aspecto, à altura dos mais elevados padrões de modéstia e do que professo como membro da Igreja de Cristo?”

Os padrões estabelecidos pelo Presidente David O. McKay e seus conselheiros foram apresentados num folheto intitulado **Para o Vigor da Juventude**:

“É difícil fazer uma exposição geral com respeito aos padrões de decência no vestuário, porque a decência não pode ser determinada por

rente ao vestuário das moças e senhoras, foi recentemente aprovado pela Primeira Presidência e o Conselho dos Doze:

"... Sempre temos aconselhado nossos membros a ser discretos no trajar, mantendo padrões tais que não causem embaraço a si mesmos e aos parentes, amigos e associados.

"Temos advertido nossa gente a não ir aos templos usando calças compridas, mini-saias, ou qualquer

no teste. Usem sua imaginação para reformar os trajes mais velhos e criar novos. "E fosse ou não cortado segundo a moda, o talhe logo o tornaria bonito."

Apeguem-se ao "midi" discreto ou ao "maxi", se lhes ficarem bem. Tornem-se tão atraentes quanto possível, mas lembrem-se de que as roupas refletem seus valores, visão e personalidade.

Como coordenadora de modas numa loja da Califórnia, anos atrás, observei as mais diversas reações diante do comprimento da minha roupa. Muitos o elogiavam; mães apontavam-nas às filhas mocinhas; outros perguntavam por que eu não o encurtava. Estando envolvida com a moda, eu simplesmente explicava que estar "por dentro" era "seguir o próprio gosto". Grande parte do que eu usava era criação minha e frequentemente divergia bastante da norma geral, porém expressava a minha personalidade e, por isso, fazia-me sentir à vontade.

Como membro da Igreja de Cristo, vocês desejam roupas que desviem a atenção dos valores espirituais? Estarão suas roupas desviando a atenção dos outros? Ou são a coisa mais importante da vida de vocês? Empregam todo o seu tempo fazendo roupa nova, ou todo o dinheiro em sua aquisição?

Agora que vocês tiveram a oportunidade de estudar suas opções, vejamos se nossas conclusões combinam.

Ilustração:

- | | |
|--------|-----|
| 1. (A) | B |
| 2. A | (B) |
| 3. A | (B) |
| 4. A | (B) |
| 5. A | (B) |
| 6. (A) | B |
| 7. A | (B) |
| 8. A | (B) |
| 9. (A) | B |

1. A opção B é meio exagerado para ir à Igreja; todos ficariam olhando para vocês em lugar de prestar atenção nos oradores e no espírito da reunião.

2. A é mais apropriado para baile a rigor ou para uma recepção em casa — dependendo do tecido e dos acessórios usados.

3. "Qualquer traje de banho que impudicamente exponha o corpo, tais como biquíni ou aqueles que deixam o ventre nu etc., não devem ser usados." (Primeira Presidência, 1967).

- 4-5 A faixa da cintura descoberta e o "V" exagerado são por demais convidativos.

- 6-7 "Esta saia de garotinha... retrata seu caráter?" (Primeira Presidência, 1917).

- 8-9 "Sinto-me envergonhado ao ver os vestidos justos — de ver a forma do corpo das senhoras." (Brigham Young) "Suéteres apertados e roupas que acentuam as formas não são vestes SUD apropriadas." (Primeira Presidência, 1967).

E agora que gastaram todo seu dinheiro em roupas novas, considerem o seguinte: Os nefitas, noventa anos antes da vinda de Cristo, davam de seu sustento aos pobres e enfermos, "e não usavam vestimentas custosas, se bem que asseadas e atraídas." (Alma 1:27).

E o Senhor os fez prosperar grandemente, mas em oito anos "os membros da igreja começaram a tornar-se orgulhosos, por causa de sua excessiva riqueza, de suas delicadas sedas, seus finos panos de linho e seus muitos rebanhos e gado, ouro, prata e toda espécie de coisas preciosas, que haviam obtido pelo seu trabalho; e por causa de tudo isso começaram a tornar-se orgulhosos e a usar vestimentas muito luxuosas." (Alma 4:6). Então começaram a mostrar desprezo pelos outros e a voltarem as costas aos necessitados.

Por essas razões, Paulo aconselha que "as mulheres se ataviem em traje honesto... não com ouro ou pérolas ou vestidos preciosos; mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras." (I Tim. 2:9-10). Isto permanece enquanto "a aparência deste mundo passa" (I Cor. 7:31).

A idéia original para este artigo foi tirada da tese de mestrado na Universidade Estadual de Utah, de Karen S. Christensen.

"... decência não pode ser determinada por centímetros ou pelo corte da roupa, desde que aquilo que parece decente numa pessoa poderá não ser em outras."
— David O. McKay
1967.



outra roupa imprópria. Entretanto, não consideramos conveniente ou necessário dar instruções sobre o mesmo assunto em relação à frequência das reuniões da Igreja, embora sintamos que nessas ocasiões, devem ter em mente que estão na casa do Senhor e precisam portar-se de acordo."

Não será preciso dizer-lhes quantos centímetros ou que tipo de maiô. Vocês não seriam "bons servos", se tivessem que ser mandados em todas essas coisas. Captem o espírito dessa questão raciocinando e perguntando ao Senhor. E de conformidade com esse espírito, não se preocupem demais com ninharias, fazendo com que um par de centímetros a mais ou menos no comprimento da sua saia (ou na dos outros) as destinem mentalmente ao céu ou inferno. E certamente não joguem fora seu guarda-roupa por não se terem saído muito bem

As respostas visam orientar e esclarecer, não devendo ser encaradas como pronunciamentos doutrinários da Igreja.

P & R

“Nas aulas de ecologia na minha escola, são duramente recriminadas as pessoas que, por egoísmo, trazem mais de dois filhos a este mundo tão poluído em vias de tornar-se super povoado. O que eu poderia responder?”

Para poder determinar se um ato é ou não egoísta, temos que conhecer os motivos e valores do autor. Espero que vocês tenham discutido o termo **etnocentrismo** nas aulas de sociologia ou ciências sociais. **Etnocentrismo** significa a tendência dos grupos humanos de julgar seus próprios valores como certos e justos, e todos os valores restantes ou maneiras de agir como incorretos, maus ou até mesmo egocêntricos.

A frase “pessoas que, por egoísmo, trazem mais de dois filhos a este mundo” é um perfeito exemplo de etnocentrismo. Ela afirma que, obviamente, todo aquele que deseja ter mais de dois filhos, tem de ser egoísta — e provavelmente ainda muitas outras coisas negativas, desde que não pensa como o professor ou a maioria da classe.

Examinemos uns poucos exemplos que representariam egoísmo do ponto de vista de seus colegas. Um governador lança uma campanha de segurança de tráfego para reduzir o número de acidentes fatais nas rodovias expressas; um médico luta para conservar a vida de pessoas idosas; uma enfermeira trabalha para possibilitar a sobrevivência de crianças prematuras ou en-

fermiças; um soldado faz prisioneiros em lugar de matar os inimigos indefesos; um assistente social procura melhorar as condições higiênicas numa favela, e com isso reduz a mortalidade infantil.

Cada um dos exemplos acima demonstra o valor de que as pessoas são importantes, que a santidade da vida humana individual pesa mais que a abstração da superpopulação.

Em relação à pergunta proposta, as pessoas citadas nos exemplos estão todas elas agindo egoisticamente, pois que estão contribuindo para a manutenção ou mesmo aumento do número populacional por acreditarem em algum outro valor maior.

Stephen Crane escreveu um poema que a certa altura dizia: “Pensa como eu penso... ou és imbecil.” E segue a resposta: “Então prefiro ser imbecil.” Lidando com pessoas “etnocêntricas”, cuja causa favorita é o excesso de população, os que pensam em coisas mais elevadas devem resignar-se a ser taxados de imbecis. Mas este é o preço de ser diferente — e de possuir o conjunto de valores do Evangelho.

Temo não haver resposta fácil para sua pergunta: “O que eu poderia responder?” Em essência seria — você tem um conjunto de valores; eles possuem outro. A maioria das sociedades garante-lhe o direito de adotar valores diversos dos de seus vizinhos. Você tem direito à sua crença a respeito da santidade da vida humana, sobre a beleza de ter filhos, e também é seu direito possuir uma família que lhe permita exprimir tais valores em sua conduta.

Da mesma forma, aqueles que escolhem evitar o nascimento de crianças ou a limitar rigidamente seu número, em lugar de aprender como organizar e partilhar a fim de que mais filhos possam ser acomodados na família, também têm direito aos seus valores.

Os fatos provam que não existe nenhuma verdadeira correlação entre poluição e tamanho populacional. Durante décadas, a sociedade ignorou o problema da poluição e fez muitas coisas que asseguravam o máximo de lucro imediato, mas foram dispendiosas em termos de poluição de longo alcance. Se a sociedade realmente está disposta a fazer as modificações maciças na organização social, necessárias para reduzir a poluição, ou até mesmo tornar-se uma sociedade não-poluidora, continua uma incógnita. Mas responsabilizar o número populacional pelo problema é um subterfúgio. A poluição é proveniente do modo de viver da população e não do seu tamanho.

Com o advento da ecologia como matéria de primeira página, os defensores do controle da natalidade trocaram de argumentos com incrível facilidade. Você deve estar lembrado do argumento popular que era imperativo limitarmos o crescimento populacional ou morrer de inanição. Dizia-se que, se não parássemos de ter tantos filhos, morreríamos de fome.

Depois, quando a “revolução” na agricultura deixou claro que a terra pode alimentar muitas vezes mais gente que a população atual, o argumento da fome caiu para

segundo ou terceiro lugar, suplantado pelos da poluição e falta de espaço.

Nos dias em que a elevação do padrão de vida era tido como virtude, os casais muitas vezes escolhiam conscientemente entre um filho ou alguma aquisição material. Naqueles tempos, algumas pessoas encontravam certa dificuldade em identificar os valores envolvidos e decidir qual seria a opção egoísta. Agora, a coisa tornou-se bem mais fácil. Os chamados peritos em questões populacionais e ecológicas deram-nos o sinal verde quanto ao materialismo, assegurando com júbilo que estamos paralelamente favorecendo a sobrevivência da humanidade. Que mistificação! Que mistificação tola e transparente!

Ninguém sabe qual seria o número populacional ideal. Para determinar um "ótimo absoluto ou ecológico", seria preciso dispor de um conjunto de valores



como ponto de partida para a computação desse tipo de "ótimo", e a ciência não pode fornecer os valores a serem usados como base. Por exemplo, se você decidir que um de seus valores é o máximo de prevenção possível na fome (isto é, você decide que morrer de fome é pior do que nunca ter nascido), então você chegará a um tamanho ideal ou "ótimo" diverso, do que se achar que a vida humana deve ser experimentada pelo maior número possível de seres humanos.

Se o seu valor predominante traduz o maior bem para o maior número, e você explicar claramente o que significa esse "bem", então poderá chegar a outro tamanho ideal ou "ótimo".

A questão é que todo o falatório acerca de excesso populacional prende-se a suposições sobre **quanta gente**

deveria ser mantida, **como** deveria ser mantida e **por quê**. Esses valores subjacentes, porém, são raramente ou nunca especificados.

As vezes, as pessoas sentem-se impressionadas pela retórica dos "anti-populacionistas" e a passam adiante, sem perceber que os valores e suposições subjacentes são contrários a muitos de seus próprios valores. Hoje em dia, está na moda o problema do excesso de população. É uma das idéias mais aceitas da atualidade. Poucas pessoas se dão ao trabalho de perguntar o que isto realmente significa, ou então quais os valores levados em conta para determinar o que é super —, sub —, ou povoamento ótimo.

Mas quanto a você, um seguidor de Cristo, a posição é um pouco diferente. Os valores que formam o Evangelho de Jesus Cristo derivam dos ensinamentos de Cristo sobre quem é o homem e qual o propósito de sua vida na terra. Vejamos mais de perto alguns desses valores. O Evangelho ensina que o homem, um ser eterno, é filho de Deus. Ensina também que a vida é um período de aprendizado muito importante, mas é somente uma fase da existência do homem. O Evangelho ensina que uma das principais razões da vinda à terra é a obtenção de um corpo físico. O recebimento desse corpo e as oportunidades associadas à vida mortal constituem etapas cruciais no progresso de cada homem em direção de seu destino eterno. Como filhos de Deus e membros de uma raça eterna, reconhecemos que esta vida mortal é temporária e que os aparentes limites terrenos — três dimensões, morte, inícios e fins, dor e pesar — não se aplicam necessariamente à existência além da mortalidade.

O Evangelho ensina que o homem, um filho de Deus, é mais importante que qualquer das demais criações divinas. Árvores, rios, atmosfera, vida silvestre, a terra e mesmo outros mundos foram **criados para o homem**; e não o homem criado em função deles. "Esta é a minha obra e minha glória," declara Deus, "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Ver Moisés 1:39). Isto não quer dizer que o homem deva tratar essas criações desrespeitosamente; pelo contrário, uma das marcas autenticadoras da vida cristã é a profunda reverência por todas as formas de vida e pelo funcionamento miraculoso e complexo da natureza. Temos, porém, uma clara escala de prioridades; um ser humano vale mais que uma árvore, uma floresta, um parque nacional, ou até mesmo todas as riquezas da terra.

A luz desses valores, as frases como "poluição infantil" deixam-me doente. A terra existe para nós, não o reverso. A questão nunca pode ser terra **versus** homem, antes a terra para uso do homem. As prioridades são claras; os benefícios da vida terrena devem ser facultados ao maior número possível de membros da nossa raça eterna. Se a vida terrena é um período de aprendizado, organizemo-nos de modo que os benefícios desse aprendizado possam ser usufruídos por todos os que o Pai Celestial deseja enviar. E enten-

damos que seus resultados não dependem da manutenção de qualquer índice populacional, nem do retorno de cada família ao seu pedaço de terra. Uma casa, um refrigerador, um carro não são requisitos essenciais para uma boa experiência na terra.

Para aqueles que vêem no homem um descendente de formas inferiores de vida, um acidente em um universo acidental, e que consideram a vida uma experiência curta e desagradável que não leva a parte alguma, talvez faça sentido tentar assegurar que o mundo seu e de sua prole seja tão agradável e sem problemas quanto possível. Com tal perspectiva, na verdade, não importa que haja pouca gente, muita gente ou mesmo nenhuma, e talvez diriam mesmo que quanto menos, melhor.

Porém, se cremos que o homem é a prole de Deus, que a terra foi destinada ao homem, e que a passagem terrena é o tempo oportuno para se obter um corpo, bem como experiência na vida em comum com outros homens, então alguns dos pretensos problemas se transformam em desafios vivificantes.

Você deve compreender que, em última análise, a não ser que seus colegas e professores compartilhem seus valores ou pelo menos estejam prontos a respeitá-los, não conseguirá responder satisfatoriamente às suas questões populacionais e ecológicas. Isto porque sua visão da natureza da humanidade difere da deles — os fatos que você interpreta de uma forma, eles interpretarão de outra. Creia-me, as divergências são profundas e fundamentais. Talvez, pelo menos com seus amigos mais chegados, a discussão poderia partir do ponto "o que é o homem, e o que poderá ele tornar-se?", em lugar do seu ponto de vista a respeito do problema populacional.

Entretanto, você deve saber que os problemas enfrentados atualmente pelas sociedades humanas não se originam da população **em si**, mas das **formas ineficientes e corruptas de organização social**. Alguns dos entendidos gostariam de convencê-lo do contrário, simplesmente porque é muito mais fácil evitar que as crianças venham ao mundo do que convencer os adultos, homens e mulheres do mundo inteiro, a modificar os valores pelos quais vivem.

Nós também consideramos a poluição ambiental um problema seríssimo. Mas acontece que não resulta do tamanho da população, mas de sociedades mal instruídas, mal organizadas, indiferentes às consequências de seus atos. Cremos que, se ensinarem à família humana princípios corretos, ela poderá criar vida humana em escala qualitativa e quantitativa jamais imaginada.

Para terminar, permita-me algumas respostas rápidas. Aos que se lamentam pela falta de espaço, indique que a maior parte da superfície sólida da terra não tem habitantes, ou é muito escassamente habitada. Deveríamos parar de empregar nossos recursos matando-nos uns aos outros, e aprender como tornar habitáveis os espaços terrenos restantes. E se isto não bas-

tar — pois algumas previsões do crescimento populacional querem fazer crer que uma população astronômica é ameaça imediata — então fale de cidades flutuantes, no fundo do mar, ou alteando-se em direção do firmamento. Pela velocidade com que a ficção científica das décadas passadas transformou-se em realidade, tais projetos não são tão fantásticos. Os homens estão por demais presos às suas idéias preconcebidas sobre as condições de vida utilizáveis pela humanidade. Caso seu interlocutor achar a terra pequena demais, lembre-lhe que lá fora nos aguarda todo um sistema solar e o universo a ser colonizado, e que o desafio da conquista do espaço dificilmente se concretizará, enquanto a terra for escassamente povoada. Em suma, o espaço não é problema, e não deixe ninguém convencê-lo de que o é. Falta inteligência, imaginação e industrialidade.

Para as pessoas que temem sucumbir de inanição, note todos os espaços que não nos preocupamos em cultivar, por carecermos de conhecimento ou de recursos para torná-los produtivos, além de todas as terras que poderiam ser melhor aproveitadas. Aborde também o sub-desenvolvimento do cultivo de vegetais em soluções nutritivas, aproveitamento racional da fauna e flora oceânica e produção de gêneros alimentícios em laboratórios. Finalmente, mencione os enormes desperdícios e ineficiências no preparo, distribuição e estocagem de alimentos. O alimento não é problema. Problemas são os negócios e os interesses políticos internacionais.

Se a questão não é o alimento nem o espaço, então qual é? Será que não dispomos de suficientes áreas silvestres? Ora, pois então organizem a massa terrestre de forma que se reservem as áreas necessárias. Isto é viável. Afinal, se a opção é dispor de um lugar para acampamento ou piquenique longe da cidade, ou permitir o nascimento de outro milhão de seres humanos, eu fico com a última.

Por conseguinte, reconheça o **etnocentrismo** — a aberração — pelo que realmente é, e aprenda a viver com ele. Enfrente corajosamente alguns dos fatos acerca do que significa ser um seguidor de Cristo. O Salvador avisou seus seguidores de que deveriam esperar perseguição. Suportar a pecha de "egoísmo" por defendermos a família numerosa numa época **anti-família** bem pode ser uma das formas de perseguição que os santos de hoje têm que suportar.

Finalmente, procure nunca esquecer-se de que pechas resultam de um conflito fundamental de valores. Não se perturbe se descobrir que é impossível reconciliar as opiniões dentro da estrutura de valores de seus amigos. Como santo dos últimos dias, você discorda de certas pessoas quanto à natureza do homem, por isso é de se esperar que não poderá concordar sobre como resolver os problemas da humanidade.

Howard M. Bahr.

Professor associado de Sociologia
Universidade Estadual de Washington



FICÇÃO

A Armadilha das Gerações

Mary Ek Knowles

Quando o ônibus se aproximou da estação rodoviária de Wharton, Joe Anderson pôs-se a espiar pelo vidro da janela, procurando Vovó Anderson. Tia Margo dissera: "Andei cuidando de você por dez anos. Além de não se entender com o Ben, você agora já está com dezesseis anos e os Andersons terão que recebê-lo."

Ben Transker era o novo marido da Tia Margo. Desde o primeiro momento, parecia estar procurando uma desculpa para livrar-se de Joe. Depois de Ben ficar falando sempre "daqueles cabeludos nojentos", Joe deixou o cabelo crescer, passou a usar uma jaqueta franjada e a andar com Zip Savage (Raio Feroz ou Selvagem. N. do T.). Foi então que Ben ordenou: "Fora desta casa!"

E assim Joe estava chegando a Wharton, para viver com sua avó paterna. Por um momento, ficou sonhando acordado — vovó ficaria contente em vê-lo; a vida seria boa e segura como fora antes da morte dos pais, quando tinha seis anos.

O ônibus estacou com um solavanco. O rapaz agarrou a mochila de lona e saiu.

Vovó não ficaria contente em vê-lo, pois durante dez anos nem sequer tomara conhecimento da sua existência. Depois de uma olhadela no loiro cabelo comprido, de certo daria no pé. Será que ele a reconheceria? Naturalmente ela viera para o enterro, e pelo que conseguia lembrar-se, era alta, de olhos castanhos. Ela o beijara e naquele momento, um pouco da tristeza e do medo desapareceram.

Seus olhos azuis perscrutaram a multidão, sem, porém, encontrar nenhum sorriso de boas-vindas. A insegurança invadiu-o. **Por que tivera que nascer? E para que serve a vida, afinal?** perguntava a si mesmo. Ali também ele era um indesejável. Mas, mesmo assim, teria que ir à casa dela, porque era o único lugar onde Zip Savage poderia encontrá-lo. Quando este chegasse, iriam embora para uma cidade grande e depois para outro país.

As vezes, Joe tinha medo de Zip. O instinto avisava-o de manter-se longe dele, mas após o casamento da Tia Margo, Zip fora a única pessoa com quem podia conversar.

— Joseph! — Ele voltou-se ao ouvir seu nome, e

deu com o olhar numa pequena senhora de cabelos brancos e bondosos olhos castanhos. Repentinamente, recordou-se das palavras do pai: "Como mamãe era durona!" Como é que esta mulherzinha frágil e delicada poderia ter sido durona? E não tinha nada de alta. Então, lembrou-se de que a última vez que a vira tinha somente seis anos.

— Como vai, vovó?

— Como você está crescendo! Mas, mesmo assim, eu o teria reconhecido em qualquer parte. Abaixese um pouco, quero dar-lhe um beijo.

Foi um beijo carinhoso e fez seu coração palpitar de esperança. Mas, logo se lembrou da Tia Margo, dizendo: "Aqueles Andersons são uns grandes hipócritas."

— Vamos cuidar de suas malas, Joseph.

— A mochila é tudo o que eu trouxe. A mala grande chegará mais tarde.

— Então vamos andando para casa. São apenas quatro quarteirões, e o dia está tão bonito.

Ao dobrarem a esquina, foram abalroados por um homem.

— Sinto muito, — desculpou-se. Depois, olhando o Joe, riu e acrescentou: — Sinto muitíssimo, senhoras.

Joe teve vontade de dar-lhe um bofetão. Durante a caminhada, ouviu cochicharem: "É rapaz ou menina? Vejam o cabelão encaracolado!" Que cambada de sujeitos quadrados! Tomara que Zip apareça logo.

Olhou furtivamente para a avó. Sua espinha parecia uma vareta de fuzil, de tão tesa. Quando chegassem, em casa, certamente o faria em pedaços. Ela apontava-lhe os pontos de interesse — o tribunal, o parque — mas ele mal ouvia o que estava dizendo. Aspirava profundamente o ar puro e revigorante, e depois reteve o fôlego diante da majestade das montanhas à distância.

— A nova escola secundária fica no outro lado da cidade, Joseph. Você irá frequentá-la com seu primo Edward. O pessoal todo virá jantar lá em casa no domingo para conhecê-lo. Oh, como vai, Irmão Peek? Este é o filho de Justin.

Estavam parados diante de uma porta ostentando a tabuleta FARMÁCIA PEEK. O homem grisalho sorriu:

— Então, você é o filho de Justin! Seu pai costumava trabalhar para mim como entregador. Você é muito parecido com ele. Vai ficar morando aqui com sua avó? Por acaso estou justamente precisando de um entregador. Gostaria de trabalhar comigo?

— Claro que sim! — Repentinamente deu-se conta de sua aparência. Talvez pudesse cortar o cabelo, só um pouquinho.

— Ótimo. Venha na segunda-feira e lhe mostrarei o que fazer.

— Muito obrigado, senhor. — Seu passo era lépido, quando retomaram a caminhada.

— Puxa, vovó, mas ele nem sequer me conhecia!

— Ele conhece os Andersons. Temos a reputação de ser honestos.

Pararam diante de uma ampla casa de tijolos vermelhos. A memória voltou-lhe rapidamente. Sabia que estivera ali há muito, muito tempo, com a mãe e o pai. Sentiu uma pontada de emoção, e nesse instante, passou zunindo um carro cheio de rapazes.

— Ei, beleza! Quer sair conosco? — Joe voltou-se furioso:

— Não vou cortar o cabelo, vovó, não importa o que a senhora vá dizer!

— Acaso pedi que você o cortasse, Joseph?

— Não, — respondeu encabulado, mexendo com os pés.

— Se você gosta dele assim, isto é com você. Só que, — acrescentou puxando seu cabelo para trás, — é uma pena esconder uma testa tão bem feita. Bem, vamos entrar e tratar de comer alguma coisa.

O aroma de algo gostoso deu-lhe as boas-vindas, fazendo o estômago crispar-se de fome.

— Você vai ficar no quarto que foi de seu pai. Por aqui, Joseph.



Era um cômodo amplo, ensolarado, com uma mesa de estudos e bela lâmpada.

— Você pode lavar-se. O lanche estará pronto em dez minutos.

Examinou as flâmulas na parede. Colégio Wharton. Tinha jogado fora suas chances quando abandonou a escola. Este fora o quarto de seu pai. Subitamente sentiu uma presença, como que um braço carinhoso em torno dos ombros. Quase que podia ouvir uma voz dizendo: "Meu filho, meu querido filho."

— Pai, — sussurrou, com lágrimas nos olhos. Enxugou-as aborrecido e foi olhar-se no espelho do ba-

nheiro. Arre! Estava um perfeito espantalho. Puxou os cabelos para trás. Não é que tinha mesmo uma bela testa?!

— Pronto, Joseph? — indagou a avó.

A mesa apresentava um verdadeiro banquete. Ao estender a mão para pegar o presunto, foi interrompido pela avó.

— Joseph, você quer fazer a oração, por favor?

Ele não sabia o que dizer! Mas vovó estava esperando, a cabeça inclinada. Então foi socorrido pela lembrança do pai abençoando os alimentos.

— Pai nosso que estás nos céus, agradecemos-te esta comida. — As palavras continuaram a surgir na memória. — Que ela possa nutrir e fortalecer nossos corpos e dar-nos a força para fazer a tua vontade. Amém.

— Essa era a oração que seu pai costumava dizer. Oh, Joseph, como é bom ter novamente um homem em casa para quem cozinhar.

Ele quase estava acreditando que ela o amava. Mas, por que então nunca lhe escreverá? Ainda assim, comeu com apetite, sentindo-se menos solitário. Como vovó comia pouco!

— Dê-me uns minutos para descansar, Joseph, — disse ela finalmente. — Depois cuidarei da louça e em seguida podemos olhar o álbum de fotografias.

Depois de ela ter ido para o quarto, Joe ficou andando de lá para cá. Iria dar um passeio. Abriu a porta, depois parou. Devia avisar a avó para onde ia. Chegando à porta do quarto, estacou novamente. Como parecia pequeno e frágil o corpo debaixo da manta. Sentiu um súbito desejo de protegê-la.

Foi até o comprido alpendre da frente. Reparou que a grama estava pedindo que fosse aparada. Bem, mas não seria ele! Voltando à cozinha, viu os pratos usados na mesa. Sorriu. Ia lavá-los e fazer uma surpresa para a vovó. Pôs-mãos à obra, assobiando baixinho.

— Ora, Joseph, você já lavou a louça! — ouviu-se sua voz da porta. — Você é igualzinho ao seu pai.

Repentinamente, sentiu o impulso de fazer algo por ela.

— Vovó, talvez eu possa economizar algum dinheiro do ordenado na farmácia para comprar um carro. Que tal a senhora viajar, conhecer o mundo? — Por um momento esqueceu-se completamente de Zip e o resto.

— Mas nós já temos um carro, Joseph. Ele está parado há anos, mas simplesmente não consegui desfazer-me dele! Seu avô costumava usá-lo como táxi quando era jovem.

— A senhora então tem um carro velho? Posso vê-lo?

— Venha comigo. Está lá na garagem, sobre cavaletes. Era um carro e tanto lá por volta de 1924, quando novo.

Joe removeu a lona, e ali estava o sedan, muito imponente.

— Os pneus ali no assento de trás são novos.

— São sim, seu avô pretendia arrumar o carro, mas então ficou doente.

— Posso começar a mexer nele amanhã?

— Você pode ter o carro, Joseph. Seu avô ficaria contente.

O rapaz mal pôde dormir, de tão excitado. De manhã, foi despertado por um chiado. A avó estava manejando o velho e pesado cortador de grama.

— Vovó, não faça isso! A senhora é velha de...

— Os olhos dela faiscaram uma advertência. — Quero dizer, eu adoro aparar grama. Posso fazê-lo num instante e depois ir tratar do carro.

Engoliu um lanche apressado, depois gentilmente, mas com firmeza, tirou o cortador das mãos da anciã. Enquanto o movia pela extensão maior do jardim, seu cabelo comprido estava sempre caindo nos olhos.

— A senhora quer cortar um pouco do meu cabelo, vovó?

— Se isso é que você quer...

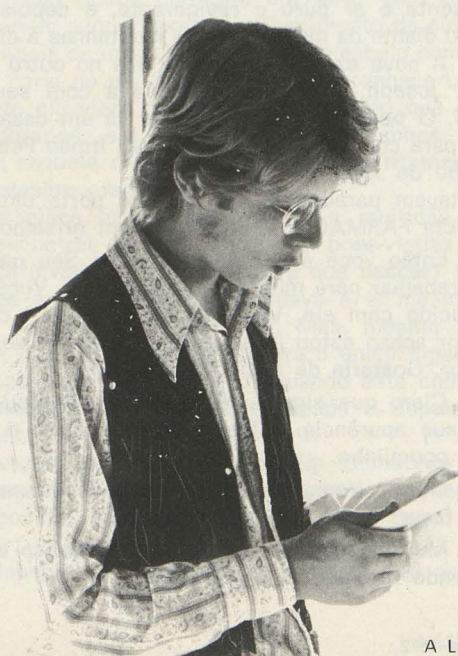
Quando ele sentou-se diante do espelho, acrescentou:

— Eu costumava cortar o cabelo de seu pai.

— Eu me pareço com ele?

— É a própria imagem. Você se lembra de seu pai, Joseph?

— Lembro-me da sensação, quando segurava minha mão. E também como ele e mamãe riam juntos. — Mais uma vez sentiu-se confuso. Tia Margo contava que sua mãe tinha sido infeliz no casamento. "Ele nos manti-



nha separadas," dizia ela. "Não queria dividi-la comigo. Foi ele que provocou o acidente correndo demais. Ele matou sua mãe!"

— Agora chega, vovó. — O que realmente queria dizer era: **Chega de memórias que doem..**

Olhou-se no espelho e gostou do que viu.

Trabalhou no carro o dia inteiro. Após um jantar apressado, foi a pé até o posto de gasolina buscar combustível e velas. Finalmente, disse:

— Acho que a senhora terá que me ajudar, vovó. Tem que regular a centelha enquanto...

— Não se preocupe, eu sei como fazer isto! — atalhou feliz, as faces coradas.

Eram quase dez da noite, quando o velho carro estremeceu com nova vida.

— Conseguimos, vovó! Conseguimos fazê-lo funcionar!

— Foi você, Joseph. Esplêndido trabalho!

— Amanhã cedo, a primeira coisa que farei é levá-la a passear.

— Talvez amanhã à noite, Joseph, depois da reunião sacramental. Porque à tarde o pessoal todo virá lanchar.

Chegando no quarto, ficou olhando para a camisa branca e calças escuras.

— Espero que seja o tamanho certo, Joseph.

— Eu gosto das roupas que costumo usar.

— São bem alegres e coloridas, mas você acha que seriam próprias para usar na casa do Senhor?

— Não, senhora. — Esperava que Zip nunca chegasse a vê-lo em roupas tão quadradas. De certo modo, já não ansiava tanto pela chegada de Zip. E mais uma vez sentiu-se confuso.

Na Escola Dominical, ficou ouvindo calado a congregação cantar "Ó Meu Pai". Leu as palavras: "Tua morada sempre fora, de minha infância doce lar?... Tu ao mundo me mandaste, por teu glorioso poder... terminada a tarefa que me mandaste executar dá-me santo assentimento para a teu lado sempre estar!"

Seu coração encheu-se de alegria. Aqui estavam as respostas para suas dúvidas. Quem sou eu? Por que estou aqui? E depois da morte — o quê?

As treze horas, chegaram os parentes paternos. Ele tentou manter-se arredio, em vista dos longos anos de silêncio, mas foi arrebataado pelas demonstrações de carinho. Procurou guardar o nome de todos, porém não era fácil. Então vovó falou:

Este é seu primo Edward. Vocês têm a mesma idade.

— Olá, Joe! — Edward apertou sua mão, com um sorriso rasgado. Era um rapaz alto de cabelos escuros, relativamente compridos na nuca, porém penteados com cuidado.

— Você e eu vamo-nos divertir a valer.

— Espero que sim! — Joe sentiu uma maravilhosa afinidade com o primo. Depois do lanche, convidou: — Vamos lá fora. Quero mostrar-lhe uma coisa. — E o levou para a garagem.

— Vovó o manteve bem coberto. Ela disse que eu podia guiá-lo Espere um minuto que vou pegar a chave.

la correndo para a casa, quando as vozes o fizeram estacar. "É demais para a sua idade..." "Responsabilidade muito grande..." "A senhora devia seguir o nosso conselho..."



Estavam falando dele! Tia Margo tinha razão. Eram mesmo hipócritas. Deu meia volta e foi para a garagem.

— Conseguiu a chave? — indagou o primo.

— Perdi a vontade de guiar, — respondeu e saiu andando.

— Espere, vou com você.

— Quero ficar sozinho!

Sentou-se num banco do parque, os olhos ardendo de lágrimas reprimidas. Ele se sentira tão seguro e agora...

Já era noite, quando chegou em casa. A avó o esperava junto do portão.

— Joseph, por que você foi embora?

— Prefiro não falar sobre isso.

— Como quiser, filho.

Ele sonhou que andava em meio a denso nevoeiro, tentando encontrar a mãe e o pai. Foi despertado por uns arranhões na janela de tela. Zip estava ali, de pé, iluminado pelo luar, os cabelos caindo até os ombros.

— Zip! Então você veio mesmo!

— Claro, garoto, eu não disse que viria? Escute, existe uma farmácia mambembe a umas duas quadras daqui. Podemos arrombá-la, e arranjar um monte de "muamba" para depois vender.

A farmácia do Sr. Peek! Onde devia começar a trabalhar na segunda-feira!

— Nada mais de cidadezinhas nojentas para nós.

— Zip pintou um quadro vívido de como seria sua vida dali por diante.

— Iremos embora deste lugar, está certo, mas quanto ao resto não concordo.

Os Andersons não queriam saber dele, mas não iria correr o risco de manchar o nome do pai.

— Ora, ande, está quase amanhecendo!

Seus olhos percorreram o quarto. Depois removeu a armação de tela, mas ao tentar pular a janela, u'a mão agarrou-lhe firmemente a jaqueta e o puxou de volta. Ali estava a avó, à luz do luar.

— Nenhum neto meu sai sorratamente de casa no meio da noite, Sr. Zip. Se o senhor quiser falar com meu neto, venha pela porta da rua em hora mais conveniente.

— Não ligue para essa velha faladeira, Joe! — A voz de Zip era puro veneno.

— Esta é minha avó, Zip.

— Para mim ainda é uma velha tagarela. Ande, vamos! — Nesse momento, Joe, pela primeira vez, pareceu enxergar o verdadeiro Zip. Seu rosto mostrava maldade.

— Você ouviu o que disse minha avó, Zip. Caia fora!

Zip deu meia volta e se foi.

— E agora, mocinho, vamos lá para o meu quarto. Ande!

Então Joe compreendeu como vovó se fazia respeitar pelos filhos grandões. Ela diz: "Ande!" — e a gente obedece.

No quarto dela, encarou-o de frente:

— Bem, agora diga, por que estava fugindo?

— Como é que a senhora sabia que eu estava fugindo?

— A gente sempre acaba aprendendo um bocado ao criar seis filhos homens. Eu... — Repentinamente cambaleou. — As pílulas no vidro azul. Duas... — Lutando por respirar, arrastou-se até a cama para deitar-se.

Ele deu-lhe o medicamento. A avó estava muito quieta, e ele orava: "Por favor, não a deixe morrer. Talvez se eu tiver um pouco mais de tempo..."

Após alguns minutos, ela abriu os olhos:

— Acho que não sou mais tão moça como era. Mas não se atreva a contar a quem quer que seja do meu acesso. O pessoal deu outra vez em cima de mim hoje. "Esta casa é responsabilidade demais para a senhora — a senhora já ultrapassou os oitenta." Querem a todo custo engaiolar-me num desses apartamentos, sem meu jardim e minhas flores.

Então era isso de que falavam!

— Eu disse a eles que agora tinha você para ficar comigo. Isso é verdade, não é?

Os amargos anos de silêncio vieram à tona: — A senhora antes não me queria!

— Ora essa! O que você quer dizer com isto?

— A senhora nunca se lembrou da minha existência! — disse com voz trêmula.

— Oh, Joseph, querido. Eu escrevi para você. Mande presentes. Mas tudo era devolvido. Quando seus pais morreram, eu fui lá para buscar você, mas sua tia disse que a irmã vivera o suficiente para fazê-la prometer que cuidaria de você. Eu queria ficar e lutar por você, mas seu avô estava muito doente. Tive que vir para casa. Depois, não consegui mais localizar sua tia. Ela se mudou sem deixar endereço.

Joe recordou-se das inúmeras mudanças que fizeram.

— Quando Margo telefonou avisando que você viria morar comigo, fiquei tão contente, que me pus a chorar.

— Mas, por que Tia Margo mentiu para mim? E ela disse ainda que meu pai foi o culpado da morte de mamãe!

— Joseph, querido, ouça. O desgosto faz coisas muito cruéis com as pessoas. Sua mãe e Margo eram gêmeas. Quando sua mãe se converteu e casou, Margo culpou a Igreja e seu pai. Ela tornou-se amargurada. O acidente não foi culpa de seu pai. A estrada estava coberta de gelo e o carro se desgovernou. Mas não censure Margo. Tenha pena e ore por ela. Seja compassivo.

— Então a senhora me queria de verdade, vovó! Queria mesmo!

— Você nem imagina quanto. Mas agora você está aqui comigo e poderá continuar estudando na escola com Edward.

— Não posso, não. Eu larguei os estudos. Agora é tarde demais.

— Nunca é tarde demais, Joseph. Você pode estudar bastante e recuperar o tempo perdido. Edward e os outros o ajudarão com certeza. Você poderá fazer um teste de readmissão. Escute, Joseph! — interrompeu-se, levantando a mão.

Era o lamento de uma sirena de carro policial vinda da direção da farmácia. Zip estivera tão certo de que aquele roubo seria uma sopa! Joseph fechou os olhos em silenciosa prece de gratidão. Quão terrivelmente perto estivera do desastre!

— Fique aqui ao meu lado, Joseph. Só por um pouco.

— Naturalmente, vovó.

Sentou-se muito empertigado. Agora era o homem da casa. Quando a avó pegou no sono, ele a cobriu delicadamente. Depois foi para o quarto deitar-se também. Mas deixou a porta aberta, caso precisasse dele. E naquele instante de quietude, exatamente antes de cair no sono, de novo percebeu a proximidade do espírito do pai. Então, sorrindo, murmurou:

— Está tudo bem, papai. Agora estou em casa.

(Em fins de dezembro de 1830, Joseph Smith recebeu um mandamento de dirigir-se diretamente a Kirtland, Ohio. Sua mãe ficou com seus filhos, William e Carlos, para conduzir os remanescentes do ramo em Waterloo, para Kirtland na primavera seguinte. Os santos haviam-se preparado muito mal para a viagem, de modo que grande parte da alimentação e

cuidado das famílias ficou para a mãe do Profeta. Viajaram de barco até Buffalo, Nova York, mas, ao lá chegarem, souberam que não podiam continuar viagem, até o rio ficar livre de gelo. Enquanto os santos aguardavam no passadiço do barco em grande confusão, ocorreu o incidente recordado por Lucy Mack Smith:).

E o gelo Partiu-se...

Fui para o lado do barco onde se encontrava a maior parte de nosso grupo. Ali deparei diversos irmãos e irmãs envolvidos em animado debate, outros murmurando e rezingando e algumas das moças flertando e rindo com cavalheiros completamente estranhos para elas, enquanto centenas de pessoas na margem e em outros barcos testemunhavam com grande interesse tal cena barulhenta e fútil entre nossos irmãos. Chegando perto deles, falei: 'Irmãos e irmãs, nós nos chamamos de santos e professamos ter abandonado o mundo com o propósito de servir a Deus, relegando todas as coisas mundanas; e pretendem vocês, no próprio ponto de partida, sujeitar a causa de Cristo ao ridículo, devido à sua conduta insensata e imprópria? Vocês afirmam confiar em Deus, então como podem murmurar e reclamar como estão fazendo? Vocês estão sendo até mais insensatos que os filhos de Israel; pois aqui estão minhas irmãs anelando por suas cadeiras de balanço e os irmãos de quem eu esperava firmeza e energia declarando positivamente que por certo irão morrer de fome antes de chegarem ao fim da jornada. E por que isto acontece? Alguns de vocês passaram privação? Não lhes tenho fornecido comida to-

dos os dias e os recebido aos, que não providenciaram para si próprios, com o mesmo agrado como a meus filhos? Em vocês onde está a fé? Onde sua confiança em Deus? Então não conseguem entender que todas as coisas foram feitas por ele e que governa as obras de suas próprias mãos? E suponhamos que todos os santos aqui presentes elevassem o coração em prece a Deus, para que o caminho diante de nós seja aberto, quão fácil não lhe seria fazer o gelo partir-se de modo que, em pouco, pudéssemos seguir viagem!...'

"'Bem, irmãos e irmãs, se todos levantarem aos céus seus desejos de que o gelo se desfaça e sejamos libertados, tão certo quanto o Senhor vive, isto acontecerá.' No mesmo instante, ouviu-se um fragor, qual ribombar de trovão. O comandante bradou: 'Todos a postos'. O gelo partiu-se, abrindo uma passagem para o barco, mas era tão estreita que, ao atravessá-la, as palhetas da roda d'água foram arrancadas com estrondo, o que, juntando aos berros do comandante dando ordens, às respostas roucas dos marujos, ao barulho do gelo e gritos e confusão dos espectadores, apresentou uma cena realmente terrível. Mal acabamos de passar pelo canal, o gelo voltou a fechar-se..."



Ocasão do desembarque no aeroporto local, a partir da esquerda: Finn B. Paulsen, Representante Regional dos Doze para o Brasil e África do Sul; Levi E. Gaertner, antigo Pres. do Distrito de Curitiba, atual 2.º Cons. da Estaca; Osiris C. Tavares, 1.º Cons. da MBC e supervisor da área; Pres. Sherman H. Hibbert, da MBC e Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze.

Uma Nova Estaca em Sião

Estaca de Curitiba

Membros e amigos da Igreja, totalizando cêrca de 980 pessoas estiveram reunidos em conferência na cidade de Curitiba, sob a presidência do Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, tornando o dia 12-9-71, um dos mais importantes até então vividos pelos membros locais.

Dirigindo-se à congregação Élder Packer, anunciou a separação do Distrito de Curitiba da Missão Brasil Central, propondo a criação da **Estaca de Curitiba**, a quarta estaca no Brasil e a primeira fora do Estado de São Paulo.

A nova estaca liderada pelo Presidente Jason Garcia Souza, tendo por Primeiro Conselheiro, Waldemar



Elder Packer, do Conselho dos Doze, dirigindo-se aos santos da Estaca de Curitiba.



Pres. Hibbert e Irmão Osiris C. Tavares, da MBC, despedem-se do Pres. Jason, cumprimentando-o pela criação da Estaca de Curitiba.

A presidência da nova estaca, da esquerda para a direita; Waldemar de Lima, Primeiro Conselheiro; Jason Garcia de Souza, Presidente; e Levi Evaldo Gaertner, Segundo Conselheiro.



de Lima e como Segundo Conselheiro, Levi Evaldo Gaertner, congregou as cinco unidades da Capital paranaense, dois ramos situados na cidade de Ponta Grossa, incorporando ainda o Ramo de Joinville (cedido pela Missão Brasil Sul). A Presidência será assessorada em seu trabalho, pelos irmãos: Silvino Miguel Loeblein, Secretário; Otávio Yiuti Nagatá e Augusto Alves de Castro, Secretários Adjuntos.

Foram apoiados na mesma ocasião os seguintes membros do sumo-conselho: Enos de Castro Deus, Floadoaldo Alcione Toniolo, José Gruntowski, Hipólito Teófilo Rebicki, Silvano Nestor Samways, Raul T. Pimentel, Dionísio de Moura Reis, Jan Garth Schoen, José Altair Princival, Imar Batista Pires e João Rieper. Para Secre-

tário Executivo foi chamado o irmão Casemiro Antunes Gomes. A Presidência da Missão da Estaca ficou assim constituída: Jorge Aoto, Presidente; Oscar Pisk, Primeiro Conselheiro e Edson de Paula Moura, Segundo Conselheiro.

Os bispos ordenados para as novas unidades foram: **Ala I — Curitiba**, Leonardo Taparowski; **Ala II — Curitiba**, Nobuo Suzuki; **Ala III — Curitiba**, Francisco Gomes; **Ala IV — Curitiba**, Júlio Caillot Mourão; **Ala V — Curitiba**, Antonio de Mello; **Ala VI — Curitiba**, (antigo Ramo VIII), Leugim de Paula; **Ala I — Ponta Grossa**, Rosaldo Gaertner; **Ala II — Ponta Grossa**, Albino Bruno Schmeil; **Ala de Joinville**, (primeira unidade da Missão Brasil Sul a tornar-se ala), João Brassanini.



Um excelente coral entoou hinos de louvor, inspirando a congregação.



Os membros e amigos da Igreja, lotaram as dependências da sede da nova estaca.

crucificação

Lucas 23:26-34

26. E quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que o levasse após Jesus.

27. E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos e o lamentavam.

28. Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos.

29. Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram!

30. Então começarão a dizer aos montes. Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobrinos.

31. Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?

32. E também conduziram outros dois, que eram malfeitores, para com ele serem mortos.

33. E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali o crucificaram, e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.

34. E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo os seus vestidos lançaram sortes.

João 19:16-22

16. Então entregou-lho, para que fosse crucificado. E tomaram Jesus, e o levaram.

17. E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota.

18. Onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.

19. E Pilatos escreveu também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS.

20. E muitos dos judeus leram este título; porque o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, grego e latim.

21. Diziam pois os principais sacerdotes dos judeus a Pilatos: Não escrevas Rei dos Judeus; mas que ele disse: Sou Rei dos Judeus.

22. Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.

